

Marcos A. Raposo

saberes do presente
marcos

FILOSOFIA EVOLUTIVA

cartas de um pai ateu



EDITORA UFRJ

FILOSOFIA EVOLUTIVA



UFRJ

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Reitora

Roberto de Andrade Medronho

Vice-reitora

Cássia Curan Turci

*Coordenadora do
Fórum de Ciência
e Cultura*

Christine Ruta



Editora Universidade Federal do Rio de Janeiro

Diretor

Marcelo Jacques de Moraes

Diretora adjunta

Fernanda Ribeiro

Conselho editorial

Marcelo Jacques de Moraes (presidente)

Cristiane Henriques Costa

David Man Wai Zee

Débora Foguel

João Camillo Barros de Oliveira Penna

Maria Elvira Díaz-Benítez

Tania Cristina Rivera

Marcos A. Raposo

FILOSOFIA EVOLUTIVA

cartas de um pai ateu



EDITORA UFRJ

© 2025 Marcos A. Raposo

Ficha catalográfica elaborada por Maria Luiza Cavalcanti Jardim (CRB7-1878)

R219 Raposo, Marcos André.

Filosofia evolutiva [recurso eletrônico] : cartas de um pai ateu / Marcos A. Raposo. – Rio de Janeiro : Editora UFRJ, 2025.

1 recurso eletrônico (125 p.) : digital. (Coleção Saberes do presente, cenários futuros)

Bibliografia: p. [123]-124

ISBN: 978-85-7108-543-5

1. Filosofia natural. 2. Psicologia evolutiva. I. Série. II. Título.

CDD: 100

Coordenação editorial

Thiago de Moraes Lins

Sonja Cavalcanti

Preparação de originais

Cecília Moreira

Revisão

Vânia Garcia

Capa, projeto gráfico e diagramação

Ana Carreiro

Imagem da capa

Alves, Alexandre. Técnica mista, 2009. Coleção Particular.

Foto: Anita Bartholo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FÓRUM DE CIÊNCIA E CULTURA

EDITORA UFRJ

Av. Pasteur, 250, Urca

Rio de Janeiro, RJ – CEP 22290-902

Tel./Fax: (21) 3938-5484 e 3938-5487

www.editora.ufrj.br

LIVRARIA EDITORA UFRJ

Rua Lauro Müller, 1A, Botafogo

Rio de Janeiro, RJ – CEP 22290-160

Tel.: (21) 3938-0624

www.facebook.com/editora.ufrj

Apoio:



**Fundação Universitária
José Bonifácio**

SUMÁRIO

Apresentação	7
Carta 1	16
O sentido da vida	
Carta 2	29
Afinal, o que há de bicho em nós?	
Carta 3	48
Ciência e religião são incompatíveis?	
Carta 4	66
Como alcançar a felicidade	
Carta 5	82
Sobre a liberdade	
Carta 6	96
Astrologia, homeopatia e outras pseudociências	
Carta 7	110
O amor	

Carta 8	115
Sobre a morte	
Referências	123
Sobre o autor	125

APRESENTAÇÃO

Vivemos em uma sociedade fortemente religiosa e supersticiosa. Isso tem reflexos bastante particulares sobre a vida de ateus e agnósticos que vão desde um reles desconforto na mesa de bar, quando o assunto é astrologia ou quaisquer outras artes sobrenaturais, até uma tremenda dor de cabeça, quando o assunto é a educação dos filhos e mesmo o desenvolvimento de um sistema moral particular. Em uma sociedade cujo Estado deixa de ser laico, o desafio torna-se ainda maior.

Para quem não acredita em Deus, frequentemente as coisas se complicam muito. Os religiosos têm um ponto de partida muito bem definido, que é a moral e as verdades de sua religião específica. O cético – que pode ser ateu ou agnóstico – elabora seu sistema moral com base no próprio intelecto, e para que isso se consolide de forma razoável, são frequentemente necessários anos de concentração, estudo sobre o mundo e certa privacidade. Geralmente, conforme for o caso, será um sistema fluido, à medida que tanto o nosso conhecimento quanto a cabeça do bom cético evoluem ao longo do tempo.

Esse assunto sempre me interessou, uma vez que convivi, durante toda a minha vida, de um lado, com toda a sorte de crenças de natureza religiosa vindas de minha família e, de outro lado, com uma veia cética imensamente forte que se desenvolveu junto com uma carreira acadêmica que me tornou uma espécie de biólogo filósofo.

Após o nascimento de minha filha, vendo todas as pressões que uma sociedade religiosa e moralista impõe sobre uma criança, tornei-me cada vez mais interessado em estabelecer uma rotina intelectualmente sadia com ela. Aos olhos de minha família a coisa às vezes parecia estranha. Embora nunca tivesse impedido que os parentes religiosos exercessem sua influência sobre ela, sempre me coloquei como agnóstico diante dela e acabei sendo um referencial interessante. Minha tolerância aos religiosos da família (entre espíritas, evangélicos, católicos e budistas) se deu de uma forma bastante tranquila, pois, dada a sua diversidade, imaginei que essa exposição toda aos olhos de minha filha pudesse funcionar como antídoto a fanatismos, que sempre foram meu maior receio.

Criar uma criança na inexistência de Deus é bem fácil quando se opta pelo caminho mais simples. Por exemplo, minha filha me perguntava se eu achava que Deus existia e eu respondia “não sei!”. Perguntava se o céu existia e eu dizia “não sei”. Papai Noel, coelhinho da Páscoa... “não acredito!”. Diante de exclamações do tipo: “ué, então por que tudo isso?”, eu respondia: “pergunte para eles que acre-

ditam!”. Tudo muito simples. E a relação com a criança é maravilhosa. A criança ouve e assimila. Entende a diferença entre as narrativas disponíveis e reconhece de imediato a que singulariza a visão de seus pais, quando essa é exposta sem receios nem pudores. Com isso em mãos, e segura que seus pais são um referencial de sinceridade, a criança vai desenvolver seu mundo, inevitavelmente, mesclando fatos e aquelas fantasias que melhor a convencerem.

Uma vez um cientista amigo e ateu ligou para mim desesperado no meio da noite. A filha estava, insistentemente, perguntando sobre a existência de Deus e ele não sabia o que fazer. Estava aflito e preocupado em dizer a “verdade” à criança. Não queria mentir para a filha. Como eu já era gato esquadrado em ambos os assuntos, Deus e cientistas, respondi com uma pergunta: “O que a ciência nos diz sobre Deus?”. Meu amigo respondeu: “Nada! A ciência não prova nem refuta a existência de Deus”. Isso foi o suficiente para a ficha cair para ele. Nada mais foi necessário. Satisfeitíssimo, ele desligou o telefone e foi falar com a filha.

Mas essa fase das dúvidas simples passa e vêm as verdadeiras questões da vida. Essas, muito mais delicadas, no mais das vezes, orbitam ao redor de um grande tema central: “como criar um sistema moral sem Deus?”. O assunto é complexo e chegou ao mundo de minha filha exatamente no momento em que um filho menos fala com o pai, ou seja, a partir da adolescência até sabe-se lá quando.

Frustrado pela falta de diálogo com minha filha e tendo que me distanciar dela cada vez mais – primeiro por causa da separação, depois por causa da adolescência e, por fim, devido ao fato de eu ter saído do país para me aprofundar em filosofia –, encontrei no formato de cartas, que acabariam resultando neste livro, um mecanismo eficiente de colocar em ordem pensamentos sobre a vida e comunicá-los a ela.

Esses escritos ficarão então à disposição dela para que sirvam sempre de comparação com outras narrativas que a vida lhe oferecer. Além disso, claro, servem de memória sobre como eu pensava no momento em que ela estava menos aberta à conversa. Obviamente, diante de tal objetivo, qualquer leitor poderá ter a certeza de encontrar aqui, como diria o filósofo Montaigne, um relato de boa-fé, totalmente sincero e parido da maneira mais pura possível.

Essas cartas, que transformo aqui em um primeiro livro, abordam temas associados especialmente àquilo que, de um modo geral, o nosso conhecimento filosófico e científico atual nos diz de mais relevante sobre a vida. Ou seja, ele assunta o que você, leitor, principalmente minha filha (ou seu filho), precisa saber antes que nós, pais agnósticos e ateus, desapareçamos desse planeta. Assim ela poderá aprender o que eu aprendi sem passar pelas mesmas coisas nem ler o que eu li.

Se isso será útil a ela ou não, sou incapaz de saber, afinal sequer sei se tudo isso foi útil para mim. Mas posso dizer,

meio prepotentemente, que não sou qualquer pessoa. Sou cientista. Sou taxonomista, ou seja, um zoólogo que classifica e dá nome aos bichos. O Museu Nacional, da maravilhosa e maltratada Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde sou professor e dirijo um laboratório, tem sido a minha segunda casa nos últimos vinte anos. Lá, rodeado de múmias, aves e toda sorte de animais, incluídos nesses os meus alunos, eu procuro responder às perguntas que a vida nos impõe. No ano que antecedeu a destruição, por um incêndio, da maior parte de nossas coleções, passei por uma imersão em filosofia das ciências, minha especialidade hoje em dia, na Université Paris 1, onde me tornei pesquisador e pós-doc por um ano, e daí a distância física de minha menina.

Mais importante que isso, desde os 16 anos, quando ainda era aluno do Colégio Andrews, no Humaitá, no Rio de Janeiro, e assistia às aulas do inspirador professor de biologia Fernando Gewandsznajder, que eu me interessei muito pelo comportamento humano. Esse professor, percebendo minhas dúvidas sobre o que fazer da vida, me recomendou a leitura de dois livros: *O fator genético*, de Robert Wallace (1987), e *O gene egoísta*, do hoje famoso Richard Dawkins (1976).

Isso me fez estudar e me aprofundar em psicologia evolutiva e filosofia. A primeira estuda nosso comportamento em uma perspectiva biológica, sempre tendo em mente que, independentemente de nosso desejo de que sejamos

o animal que foi criado à imagem e semelhança de Deus, ou seja, apesar da crença de que sejamos animais especiais, grande parte de nossas rotinas e comportamentos encontra paralelos perfeitos entre as demais espécies. Esses comportamentos estão, portanto, muito próximos do que há de mais bruto nesse mundo e nos remetem a nossa essência de bicho. Eles são compartilhados com parentes próximos, de modo aproximadamente proporcional a nossas relações de parentesco. Por exemplo, espera-se, e isso é propositalmente óbvio, que nossos comportamentos sejam mais parecidos com o comportamento dos demais grandes primatas do que com o das tartarugas marinhas. Ao mesmo tempo, as cobras se assemelham comportamentalmente mais aos lagartos, com quem compartilham uma ancestralidade direta, do que com as já faladas tartarugas, sabidamente, parentes mais distantes.

De certa forma, quando observamos o comportamento animal, percebemos que não estamos sozinhos no mundo. Muito pelo contrário, encontramos explicações alternativas para diversos fenômenos de nossa sociedade, como o hábito de viver em grupo, de se relacionar aos casais, as relações extraconjugais, homoafetivas, vínculos familiares e de amizade, de amor, os vícios, a violência, o medo, e toda sorte de sensações associadas às nossas rotinas diárias. Todo esse estudo, também chamado de sociobiologia, clareia nossas percepções sobre o mundo a nossa volta e nos ajuda a entender as principais perguntas que o homem faz a si mesmo há mais de dois mil anos.

E quais são essas perguntas? São aquelas mesmas feitas por filósofos como Sócrates, Platão, Aristóteles, David Hume, Karl Popper e tantos outros ao longo dos séculos: Quem sou eu? Como vim parar aqui? Como devo me comportar? O que é certo e errado? De que serve a vida? O conhecimento é possível? São perguntas que, por incrível que possa parecer, fazemos sem perceber ao longo de toda a vida. Como, geralmente, nossas respostas para elas são muito inconsistentes e contraditórias, passamos nossas vidas com a desnecessária sensação de que estamos deixando de fazer algo obviamente importante.

Nesse momento, a filosofia é chamada a participar de nossa conversa. A abordagem filosófica de quem somos se coaduna com nosso conhecimento sobre biologia, oferecendo respostas bastante promissoras e que coloco aqui à disposição de Clara, minha filha, e de quem mais for louco o suficiente para continuar folheando essas páginas.

As primeiras oito cartas dessa conversa, que considero as mais importantes, por serem as fundadoras do tipo de raciocínio que conduzo, estão neste livro: (1) O sentido da vida; (2) Afinal, o que há de bicho em nós?; (3) Ciência e religião são incompatíveis?; (4) Como alcançar a felicidade; (5) Sobre a liberdade; (6) Astrologia, homeopatia e outras pseudociências; (7) O amor; e (8) Sobre a morte. As outras oito cartas virão em um novo volume.

Essas cartas abordam questões importantes em uma perspectiva que eu considero nova e bastante útil àqueles que desejam conversar com seus filhos fora de uma pers-

pectiva filosófica e moral de natureza religiosa ou baseada no senso comum, que acaba também estando fortemente relacionado.

Como já disse, faço este livro com muito carinho, de boa-fé e de uma forma muito direta. Associo nosso conhecimento acumulado em psicologia evolutiva e filosofia, passando a chamar essa mistura de filosofia evolutiva, nome que considero muito mais adequado à maneira como penso e me expresso. Talvez alguns historiadores da ciência chamassem isso de filosofia natural, mas eu prefiro o formato que escolhi. Fica mais claro.

As cartas ou capítulos, apesar de poderem ser lidos isoladamente, se relacionam em uma teia de interdependência. Por exemplo, para entender plenamente o que falo sobre a felicidade (carta 4), parece necessário também entender o que digo sobre a liberdade (carta 5). Por outro lado, decidir se devemos agir racionalmente ou de maneira mais animal (carta 2) é algo que não se consegue sem se debruçar sobre o sentido da vida (carta 1), ou mesmo sem entender a participação do amor (carta 7), da morte (carta 8) e da liberdade (carta 5) sobre nossa vida. Inúmeras associações desse tipo surgirão naturalmente ao longo da leitura das cartas, que aqui se configuram também como capítulos.

Não há idade certa para fazer as perguntas propostas. Na prática, cedo ou tarde teremos de oferecer a elas boas respostas. Envolvendo-nos, lentamente, com cada uma

dessas questões em um balanço lógico constante, construimos nossas concepções sobre a vida. Sócrates dizia que uma vida não refletida não merece ser vivida. Não sei se concordo totalmente com isso. O que sei é que a reflexão é um processo extremamente estimulante e que quase inevitavelmente nos alcança em algum momento de nossas vidas. Crianças e jovens o fazem sem perceber a todo o momento. Os adultos adormecem essa capacidade em algumas fases de suas vidas, mas sempre despertam com as primeiras perguntas de seus filhos. Acredito que essas cartas ajudem nesse momento.

Em suma, eu diria, sem medo, que este livro proporciona a chance de qualquer um, criança ou adulto, desenvolver uma cosmologia e ética próprias, como alternativa para quem não se conforma com respostas impostas por autoridades, sejam elas de natureza religiosa, científica ou ideológica. Essa é, a meu ver, uma demanda natural de muitos de nós, sem a qual não atingimos o contentamento.

Dessa forma, parodiando Wittgenstein, não é impossível, embora também não seja provável, que alguém se beneficie verdadeiramente com a leitura deste livro. Essa esperança satisfaz, por ora, minha vaidade.

CARTA 1

O sentido da vida

Durante grande parte da vida nos comportamos como se houvesse, necessariamente, um sentido preexistente para ela. Essa coisa de cada um de nós ter uma missão que, às vezes, vemos em filmes e que ouvimos de entes queridos, de certa forma faz parte disso. Filósofos respeitados e religiões defendem ideias similares. Essa é uma ideia central em termos de reflexão sobre o sentido da vida: Ele é regido por quem? Por alguma entidade fora de nós, como um Deus ou uma sociedade, ou por nós mesmos?

Se prestarmos bastante atenção aos jovens vestibulandos antes de escolherem qual profissão seguir, veremos que boa parte deles tem em mente a busca por seu destino. Tentam descobrir qual seria a decisão certa a ser tomada, como se uma profissão estivesse prescrita inexoravelmente para a vida deles. Claro, essa sensação aumenta ou diminui conforme a pessoa, o credo, a classe social, mas há algo que permeia a mente de todos: o medo de errar, como se

a nossa vida não fosse construída passo a passo. Mas como poderíamos errar?

Para um arqueiro errar um alvo, ele tem que existir antes de a flecha ser lançada, ou o erro será impossível. Entretanto, o destino, nosso alvo, não existe antes de lançarmos nossas flechas. Como diria uma de minhas músicas prediletas, do Skank, “o caminho só existe quando você passa” (Sutilmente, 1994)! Por que esse medo de errar, então? Seria o fracasso profissional um sinal de erro na hora da escolha? Seria o sucesso profissional um sinal de acerto?

Obviamente, uma vida de insucesso profissional pode ser condicionada por dezenas de fatores e jamais poderia ser comparada com qualquer outra vida alternativa, na medida em que todas as demais escolhas possíveis em seu passado desapareceriam do futuro imediatamente após a escolha tomada. Qualquer que seja a sina de um indivíduo após a escolha de uma profissão, qualquer que seja o tamanho de seu fracasso ou de seu sucesso, ele jamais saberá o resultado de outra escolha passada que deixou de ser feita. Sempre, sua outra escolha poderia resultar em algo bem melhor ou em algo bem pior. Há muitos fatores atuando em nossas vidas.

Entretanto, culpamo-nos sempre que achamos que trilhamos o caminho errado por acharmos que não enxergamos algo que deveríamos ter enxergado. Fazemos isso também porque nos ensinaram a nos sentirmos culpados a

cada suposto erro. Nossa sociedade adora a culpa, ela é um de seus principais mecanismos de controle. Pessoalmente, passei minha vida prevendo as culpas futuras e tentando evitá-las a todo custo. Além disso, por trás da culpa vem essa noção de acerto. De fazer o correto. Nós somos sempre obrigados a acertar, não é? Acontece que essa noção do erro e do acerto, assim como as noções de virtude e de pecado que nos foram incutidas na mente, frequentemente é baseada em lendas, mitos, mentiras, rotinas históricas ou sendas biológicas. Essas noções não necessariamente correspondem ao que realmente sabemos sobre o mundo. O certo não corresponde, necessariamente, a nossa própria noção do que deveria ser o certo.

Nesse sentido, a noção de destino – a meu ver equivocada – é um dos fatores que exercem maior influência em nossa impressão de certo e errado em termos de grandes escolhas da vida. Talvez nada disso ocorra em termos conscientes, mas não estaria a crença no destino por trás de cada uma dessas nossas culpas e pirações? Os filmes *De volta para o futuro* e *A máquina do tempo* exploraram bastante essa problemática e acabam sendo didáticos para nós porque estimulam nossa capacidade de abstração associada ao tema.

Essa impressão de que existe um destino inexorável para cada um de nós, que gera frases do tipo “eu preciso cumprir meu destino”, ou que nos leva a todo momento a procurar magos, astrólogos e adivinhos capazes de pre-

ver o futuro, é somente mais um desses aprendizados não necessariamente razoáveis de nossa infância. Esse aprendizado nos atormenta por toda a vida, na forma de dúvidas como: Será que era isso mesmo? Não seria ele o homem da minha vida? Quando vou achar a minha cara-metade? Será que tomei a decisão certa ao escolher a medicina? Profissão ou filhos?

Agora, misture tudo isso com um punhado de carga da culpa cristã ou de qualquer outra religião. Explico: muitos religiosos, e esse era o meu caso quando adolescente, têm em mente que, além de tudo que eu disse acima, ainda temos de cumprir esse destino seguindo a vontade de Deus. Isso se deu, em termos históricos, pela influência de Aristóteles em filósofos proeminentes da Igreja, como Santo Abelardo (1079-1142) e São Tomás de Aquino (1225-1274). Sim, a o cristianismo e o próprio islamismo apresentam traços fortes de filosofia grega. Não podemos esquecer nunca que o cristianismo surgiu em um mundo com forte influência de Platão, um mundo fortemente helênico, por assim dizer. O platonismo, por influência de São Paulo, Santo Agostinho e outros, dominou a interpretação dos escritos nos primeiros mil anos da Igreja. Já Aristóteles, depois de descoberto pelos árabes, voltou a ser importante no segundo milênio de existência da Igreja. Aristóteles acreditava em uma espécie de missão que cada um de nós tinha a cumprir, e isso foi parcialmente incorporado às rotinas cristãs e, consequentemente, às nossas próprias rotinas.

O resultado disso é, obviamente, que qualquer falha que possa ser interpretada como um pecado, seja a gula, a preguiça ou cobiçar o namorado da amiga, poderá resultar no desvio dessa meta ou em diferentes tipos de punições. Como diria um de meus roqueiros prediletos, Deus está lá “vendo fazer tudo que se faz dentro do banheiro” (Paranoia, 1974)! De certa forma, a sociedade consegue nos controlar mesmo quando nós estamos em um quarto fechado. Ela não pode colocar um guarda lá, não é? Mas Deus pode até mesmo ouvir nossos pensamentos! Ou seja, pensar é perigoso, se pensarmos bobagem! Temos de pensar o certo. Enxerga a paranoia? Imagina viver a vida toda com a impressão de que alguém está nos controlando, alguém diferente de nós mesmos e que pensa de outra forma. Qual o resultado disso a longo prazo? O pecado e a culpa se somam, assim, à nossa noção de destino em uma combinação ao mesmo tempo perversa e sutil que pode arruinar a vida de qualquer pessoa.

Então, como se livrar disso? Seria possível? Eu diria que possível é, mas que há algumas perguntas que talvez seja mais difícil de responder. Será que estamos preparados para isso? Será que estamos dispostos a conceber o futuro como algo inexistente de fato e a vida sem culpas apriorísticas? Assumiremos o encargo de sermos totalmente responsáveis pelo nosso futuro? Assumiremos esse sentimento pós-moderno que os filósofos franceses se acostumaram a chamar de existencialista? Se você decidir que sim, continue lendo.

Pensemos nos animais, nossos parentes. Pensemos em um animal próximo de nós, um cachorro. Pense em um vira-latas ou em seu próprio animal doméstico. Feche seus olhos e o visualize! Qual você acha que é o propósito da vida desse animal? Será que ele vive olhando para o passado e se lamentando de suas próprias escolhas, ou se culpando porque mordeu a orelha do carteiro? Será que ele tem alguma meta além de ganhar o próximo prato de comida? Se ele for atropelado na rua agora, será que algo ficou por ser feito? Teria ele deixado alguma obra inacabada?

Esse cachorro nasceu de uma ninhada de oito filhotes. Qual a missão específica de cada um daqueles filhotes? Estaria o futuro deles escrito em algum lugar? Expandir esse raciocínio para os ratos e suas ninhadas, agora para as pulgas, depois para as lombrigas que parasitam essas pulgas. Teriam elas um propósito maior nessa vida e motivos para sentir culpa em relação às escolhas que fizeram em seus respectivos passados?

Vamos agora parar de interrogações e dizer o que isso tem a ver conosco. Nós somos magníficos seres, mas, ainda assim, somos animais. Temos o mesmo tempo de evolução e surgimos na terra pelos mesmos mecanismos evolutivos que qualquer outra espécie, seja ela uma ameba, uma asquerosa barata ou os magníficos tigres-de-bengala.

Do ponto de vista evolutivo, não temos nada de muito especial. Claro, para nós mesmos, somos muito especiais, mas somente para nós mesmos. Dominamos o mundo e o

espaço sideral, mas surgimos pelas mesmas leis da natureza, aproximadamente ao acaso, por uma cadeia fortuita de acontecimentos sempre acompanhados pela mão invisível da seleção natural. Conhece o darwinismo?

Essencialmente, todos os seres vivos surgiram dessa forma, com diferenças sutis de um para o outro. O *Homo sapiens* teve a particularidade de, provavelmente, no último milhão de anos, ter se organizado em diferentes culturas que tiveram uma influência adicional em sua evolução mental e física. Acabamos promovendo evoluções à parte: a tecnológica e a urbanística. Mas não sei até que ponto podemos nos gabar de sermos melhores que bactérias, protozoários, vírus ou insetos, os quais, em alguns aspectos, podem ser considerados os verdadeiros donos do planeta. Para o nosso universo, provavelmente, pouca diferença faz uma barata que pisamos ou um de nós que morre. São só dois animais a menos.

É por isso, pela falta de diferença objetiva em relação aos demais animais, que chamo a sua atenção para uma aparente contradição de nossa psique. Ela atribui missões muito relevantes e um propósito à nossa existência que não atribui à existência dos demais animais. Seria o propósito de um porco virar salsicha para humanos? Definitivamente, sim, mas isso não tem nada de divinamente predeterminado. Isso é determinado pelos pecuaristas que o criaram. Por sinal, muito provavelmente, os porcos tinham um propósito muito diferente daquele que foram impostos a eles.

Porém nós aprendemos, desde pequeninhos, que temos um caminho predeterminado a seguir. Que existe algo mau e algo bom a se fazer. Que temos dons que não podem ser desperdiçados (olha Aristóteles aqui...). Que nossas decisões são certas ou erradas, e assim por diante. Mas isso é apenas uma armadilha de nosso limitado intelecto animal. Caso exista uma missão evolutiva, ela não se distinguiria muito da missão de uma pulga ou de um pé de soja! Por sinal, se quisermos forçar a barra e nos impormos uma missão natural, essa seria simplesmente reproduzir o máximo possível, sendo apenas máquinas perpetuadoras, portadoras e dispersoras de genes. Viveríamos para colocar filhotes no mundo para garantir a nossa carga genética. Entretanto, essa não é uma missão que, certamente, nos proporcionará felicidade, apesar de o prazer ser um artifício da natureza que acaba nos convencendo da associação inequívoca entre a reprodução e a felicidade, por pior que fique a nossa vida individual se nos reproduzirmos demais.

A frase que você já deve ter ouvido bastante, “isso é para o bem da espécie”, é algo totalmente sem sentido em termos científicos. Nenhum bicho atua em função da espécie. Eles estão somente passando genes adiante, o que, ao contrário do que parece, frequentemente resulta no desaparecimento da espécie e no surgimento de outras, pelo processo chamado popularmente de evolução. Além disso, espécies não têm existência objetiva! Explico. Espécies são representações de nossas mentes impostas sobre o mundo,

como método para organizarmos a vida em nossas cabeças. São como os números da matemática. Nós os criamos e criamos a matemática para entender o mundo, mas ela não existia antes de nós. Os números são mera abstração nossa, entidades do nosso intelecto – algo que você não precisa entender, pois a maioria dos cientistas ainda não entendeu também.

De qualquer forma, se você decidir, é claro que você pode acreditar em uma ética de vida ou na missão imposta por terceiros, sejam esses quem forem, de padres e cientistas aos colegas da escola. Colegas gostam de dizer o que é certo e errado, não? Nesse caso, você estará destinada a cumprir uma vida semelhante à daquele porco que virou salsicha, ou seja, uma vida cujo destino foi planejado por outros para o bem de qualquer um, menos o seu. E pode ter certeza: sempre haverá alguém, com a melhor das intenções, querendo controlar seu destino. Como dizia meu pai, “o inferno está cheio de bem-intencionados”. Não preciso dizer que meu pai era religioso e que eu não acredito em inferno, mas essa é uma cena bem fácil de se visualizar, hein?

Meu conselho para você, então, não poderia ser outro. Faça sua própria ética e seu próprio futuro! Estabeleça, com base em raciocínio e na sua experiência de vida, o que é certo e errado para você. Aos poucos, passo a passo, tente transformar quem você é em quem você acredita que deva ser. Construa seu futuro no presente, sem acreditar que ele

seja algo imposto ou preexistente. Aja como um “arqueiro ninja”! Faça de sua flexa um prolongamento de você. Suas ações deverão refletir quem você é. Jamais se culpe pelo que vive hoje. Você não saberá nunca o que seria se você tivesse tomado decisões diferentes no passado.

Obviamente, isso não deve levar ao niilismo de acreditar que nada faz diferença. Claro que faz! Às vezes faz uma diferença brutal... Se você vê um ônibus passando em uma rua, você sabe que não deve entrar na frente dele. Há certo controle nosso sobre o futuro. Nossas concepções da vida, de sucesso, de virtude, por exemplo, quando mal construídas, podem fazer um estrago. A título de ilustração, se você achar que juventude é tudo, será uma senhora triste, da mesma forma como os muito vaidosos pela própria beleza ficam constrangidos na presença de alguém que considerem mais bonito, ou quando surgem as inevitáveis rugas. As ações e convicções têm consequências imediatas, às vezes, mas mesmo essa cadeia de causa e efeito deve ser construída por você muito cuidadosamente, sem assumir os pressupostos e culpas impostos por terceiros, como eu.

Viva bem e projete a sua vida dentro do que você acredite que seja melhor para você e para as pessoas que estão ao seu redor. Construa seus próprios referenciais éticos, se achar interessante ter algum. Estimule sua dúvida e curiosidade na área e procure encontrar respostas. Seja metódica nisso, pois a sociedade o é em impor sua ética. Se você não cuidar da sua, mesmo depois de criada, ela é

soterrada por influência das ilusões da vida. Eu fiz esse livro para você. Posso ter errado em tudo. Posso estar equivocado a cada capítulo. Mas decidi fazer, fiz e me sinto feliz por isso. Sem culpas ou medos. O que seria se não o fizesse, isso eu não sei e não cabe a mim julgar. Cabe julgar o que está ao meu alcance, e o futuro que não houve não é algo que mereça meu tempo.

Há uma música antiga que eu ouvi saudoso recentemente, no espetacular filme brasileiro *O palhaço*, que diz o seguinte: “Só se encontra a felicidade quando se entrega o coração...”. Essa frase tem muito a ver também com a vida feliz. É muito mais fácil ser feliz diante da entrega a algo em que se acredita do que quando o nosso foco todo o tempo é a nossa própria felicidade. Essa entrega pode ser à própria vida, se quisermos! E aí, nesse ponto, nossa vida se aproxima à dos animais que vivem um dia de cada vez, mas não vivem de qualquer jeito. Vivem fazendo o que lhes é pertinente fazer: ninhos, locais para dormir, criar filhotes, evitar predadores, etc. E tudo diante de estratégias que tiveram sucesso ao longo de milhões de anos de processo evolutivo.

Mas como tomar cada decisão ao longo desse processo? O que construir? No que acreditar? Em quem acreditar ou qual vida desejar? É justamente isso que estamos, devagar, construindo aqui.

O primeiro tijolo a ser colocado nesse processo de criação é essa consciência de que você é quem está exercendo

a arte de esculpir sua vida e que, portanto, ele, o primeiro tijolo, não existe antes de sua decisão de criá-lo. Isso, o primeiro tijolo sobre o qual se erguerá essa obra, que é a sua vida. Você não o procura em canto algum, pois ele não existe. Até a própria decisão de criá-lo ou não é sua. Até mesmo a decisão de decidir ou não é sua, e a decisão de acreditar nisso tudo também. Dessa forma, o sentido de sua vida ou os sentidos de sua vida, quem dará, e se dará, tijolo por tijolo, será você mesma e quando quiser. Pense como isso é interessante. Você diz o que quer, se quiser.

Eu prometo que, em algum momento ao longo da leitura desse livro, você vai ver seu mundo e escolhas de modo mais claro e interessante. Talvez você até os mude um pouco diante do que leu.

Eu, particularmente, tenho passado boas horas diárias pensando nesse assunto. Inspirado na leitura de um famoso livro do Dalai Lama (1999), eu diria que às vezes a busca constante de propósito pode servir bem como propósito. Em meio a esses devaneios e meditações, cheguei à conclusão de que vou levar a vida como um navegador que decidiu mais ou menos para onde vai ou em qual continente quer chegar. Como capitão de meu barco, tenho vários referenciais para me guiar: minha bússola e o céu estrelado me dando a direção geral; as correntes e os ventos, ora contra, ora a favor. De uma forma ou de outra, com sua ajuda ou oposição, ventos e correntes me obrigam a mexer no leme e reorganizar meus planos, pelo

menos momentaneamente, para depois seguir adiante. O vento, particularmente, mesmo quando contrário, pode me ajudar a seguir em frente, bastando para isso saber usar a minha vela. Já as tempestades, essas por vezes me forçam a algum replanejamento, e a lua, à noite, sempre me faz pensar se quero isso mesmo e se estou de fato na rota por mim escolhida. Ela me faz pensar nos motivos da viagem, tudo que deixei para trás e o que espero encontrar quando chegar.

Assim, com uma direção geral, mas sempre tendo que ajustar o caminho um pouquinho para lá ou para cá, é como eu me sinto. O sentido da vida flutua como meu barco, a meu comando, diante das possibilidades do mar.

CARTA 2

Afinal, o que há de bicho em nós?

Este livro tem como pressuposto que parte da tarefa de alcançar uma vida plena está em conhecermos bem algumas de nossas diferentes facetas. Afinal, como encontrar ou definir um sentido para a nossa vida, assim como traçar as nossas estratégias, sem conhecer nossas limitações e potenciais como animais, seja quando usamos nossos instintos mais básicos, seja quando usamos exclusivamente a nossa razão. “Conhece-te a ti mesmo”, dizia Sócrates.

Nesse sentido, quando pensamos no título do capítulo, podemos dizer que, hoje, a pergunta correta mesmo é a oposta, ou seja: o que há em nós de não bicho? Nós somos animais. Somos totalmente animais. Temos de partir desse ponto. Antes de qualquer influência cultural direta, somos seres biológicos com um sistema nervoso capaz de se desenvolver e resolver problemas. Até a nossa cultura é fruto do animal que nós somos, de uma forma ou de outra.

Nossa espécie biológica, o *Homo sapiens*, tem cerca de duzentos mil anos de idade como ela é hoje, ou de modo muito semelhante. Nossos ancestrais hominídeos têm cerca de dois milhões de anos. Surgimos como espécie muito provavelmente em algum local nas planícies africanas, onde nossos ancestrais se empenhavam em não acabar na barriga de leões, leopardos e hienas.

Antes de chegarmos a hominídeos, entretanto, compartilhamos ancestrais em comum com os demais animais do planeta em diferentes tempos. Por exemplo, nosso tronco ancestral se separou dos peixes algumas centenas de milhões de anos atrás e de demais mamíferos muito primitivos há cerca de cem milhões de anos. Nessa época, e lembre-se que nossa espécie não tem nem um milhão de anos, nossos ancestrais (esses pequenos mamíferos), que se pareciam com pequenos gambás, já se reproduziam sexualmente e já se relacionavam entre si. Eles já enxergavam o mundo à sua volta, ouviam, sentiam odores, sentiam fome, dormiam, se comunicavam com os indivíduos da mesma espécie, lutavam e sofriam para continuar vivos, como fazemos até hoje.

As sensações relacionadas às características acima, como a reprodução e a sobrevivência, moldaram nossa psique animal e cada um de nossos comportamentos. Claro, há participação cultural em nosso comportamento, mas podemos dizer que o pano de fundo é biológico. A própria flexibilidade comportamental que permite que

nosso organismo seja influenciado pela cultura está biologicamente condicionada. Além disso, essa cultura que nos influencia apresenta flagrantes traços evolutivos que são reflexo do comportamento animal. A perfeita percepção disso é importante no entendimento de quem nós somos, ou seja, seres que sobrevivem e reproduzem.

Isso pode ser percebido em um nível muito elementar, como as flutuações químicas de nosso corpo em resposta às condições ambientais, ou de maneira mais complexa, no nível comportamental.

Assim, depressão, irritação, paz de espírito, ansiedade, todas essas características humanas podem potencialmente ser entendidas em uma perspectiva evolutiva, dependendo do caso específico. Alimentação, exposição ao sol, contato social e tipo de criação (amamentação com ou sem apego; aleitamento materno ou artificial; parto natural ou cesário, etc.) são apenas parte dos referenciais que podem ser buscados no mundo natural e trazidos para a realidade de hoje para entendermos melhor a formação de nosso “espírito”.

A sociobiologia é a ciência que procura entender o comportamento social animal e suas raízes evolutivas. Quando aplicada ao homem, tal estudo costuma ser chamado de psicologia evolutiva, a qual, como tudo na vida, pode ser feita com mais ou com menos seriedade, por bons e maus cientistas. Já explico!

Como essa ciência consiste, de certa forma, em uma contínua busca de fatores causais para entender o homem

em um cenário evolutivo, ela sempre acabou sendo fortemente especulativa. A busca da causalidade, ou seja, das motivações primordiais, ancestrais, por trás dos fatos ou comportamentos observados não é facilmente testável e, portanto, é inevitavelmente especulativa. Por exemplo, não podemos dizer que uma pessoa quer reproduzir, ou ter filhos, somente porque os demais mamíferos fazem algo parecido. Isso seria muito vago e impreciso, mesmo porque muitos de nós não querem ter filhos. Então, nesse caso, como ficaria essa hipótese de causalidade? Nosso castelo de areia ruiria. As coisas não são tão simples assim, mas sempre há como abordar as relações causais envolvidas de uma maneira cuidadosa e metódica, permitindo, ao menos, certo nível de discussão científica, como é feito em vários estudos experimentais à disposição na literatura.

Da mesma forma, não é porque nós descobrimos que um comportamento determinado está presente em nossas raízes animais, como a reprodução e a competitividade, que vamos deixá-lo se aflorar livremente em nós. Isso, evidentemente, será limitado ou condicionado em maior ou menor grau conforme nossos referenciais morais e culturais ou, simplesmente, conforme as nossas percepções em relação às vantagens imediatas ou de longo prazo de nossos comportamentos. O fato de encontrarmos explicações no mundo natural para nossos comportamentos não funciona como um salvo-conduto para nos comportarmos daquela forma, embora explique ao menos parte da nossa motiva-

ção. Em alguns casos, a descoberta da motivação biológica para comportamentos indesejados, como, por exemplo, a ação violenta de torcidas organizadas de futebol, pode nos ajudar a combater o hábito socialmente indesejável.

Vamos, por outro lado, imaginar que descobramos que em boa parte dos animais monogâmicos as fêmeas fazem sexo e têm filhotes também com machos fora do “casamento”. Isso não é motivo para que façamos exatamente igual, mesmo que tenhamos os genes específicos para aquele tipo de “traição” conjugal. Isso porque, simplesmente, com nossa capacidade de previsão de consequências e projeção de futuro, poderemos imaginar que ter filhos com o padeiro ruivo, tendo um marido moreno, pode ser uma desvantagem em todos os demais aspectos.

Por outro lado, mesmo não cedendo a esse tipo de impulso natural, mas àquele que faz você seguir as regras do grupo social em que vive, fica claro o quão útil é você entender as suas motivações mais básicas e os conflitos que abundam em sua cabeça animal. Ela, a nossa cabeça, está repleta dessas forças naturais, verdadeiras marcas do processo evolutivo.

Esses traços ou cicatrizes evolutivas estão muito associados a como se deu o processo pelo qual nós surgimos na terra. Essencialmente, durante cerca de um bilhão de anos, ou seja, quase a totalidade de nossa história evolutiva, todos os nossos ancestrais foram selecionados de acordo com a sua capacidade ou não de sobreviver e de

deixar descendentes que deixassem descendentes, e assim por diante. Poderíamos dizer que evoluímos para reproduzir. A carga genética daqueles animais que deixavam mais descendentes capazes de fazer o mesmo, ou seja, deixar descendentes, tendia, evidentemente, a tornar-se cada vez mais comum em relação àquela dos que não tinham essa propensão. Pura matemática. Com o tempo, espécimes com essa carga passaram a prevalecer. Esse é o processo chamado de seleção natural. Embora haja um rumo evolutivo trilhado, esse rumo se deu ao acaso, de acordo com as forças seletivas existentes na natureza. Trata-se da relação entre o que é intrínseco aos seres, ou seja, o que é carregado como potência pelos indivíduos, com o que é extrínseco a eles, ou seja, o mundo ao seu redor. Esse processo é lindo, mas mal compreendido por quem ainda não parou para ler a respeito.

De maneira bem simples, nossos ancestrais eram aqueles que adoravam reproduzir e tiveram sucesso nisso, bagagem esta que acabamos carregando. Claro, não vivemos somente para reproduzir. Nosso sentido de autopreservação também é um forte impulso e não somente para autopreservar, mas também para preservar filhotes e similares (é isso que estou fazendo aqui, ao escrever para você!). O altruísmo biológico, ou seja, o ato de fazer pelo outro, é bastante estudado e discutido por biólogos e filósofos e, por vezes, se contrapõe à noção de “gene egoísta” há muito lançada por um dos maiores divulgadores da área: Richard

Dawkins. Essa é uma discussão que se torna confusa pelo fato de que todo ato de doação ao outro pode ser interpretado como uma vantagem para a preservação da carga genética, o que tornaria essa doação um falso altruísmo. A confusão de sujeitos, ou seja, se quem manda é o indivíduo ou a sua carga genética, cria terreno para muita discussão na área. De qualquer forma, o ato de preservar a si próprio, ao grupo familiar e aos semelhantes inclui os cuidados e esforços para adquirir alimentos, manter territórios e se aliar a semelhantes para defender os respectivos territórios, filhotes, machos, etc.

Desse conflito dialético entre forças naturais como a reprodução e a sobrevivência surgem as sutilezas da vida do indivíduo e também, de certa forma, as mais diversas culturas. É claro, porém, que fatores históricos pontuais também acabam tendo uma forte participação na evolução das culturas.

Ainda sobre o conflito de forças básicas e para melhor entendê-lo, precisamos conhecer essas forças naturais! Pensemos então na segunda força básica mencionada aqui, a da sobrevivência, ou, sendo mais específico, a da proteção de nosso corpo contra perigos do meio. Pense no que seu corpo não seria capaz de fazer para se proteger. Ele correrá, gritará por ajuda, lutará violentamente, socará, morderá, enfiará unhas, enfim, fará o que for preciso para sobreviver ao ataque de um inimigo. Você sentirá algo como uma injeção de adrenalina no sangue: sua fisionomia

também mudará, você mostrará seus dentes, contorcerá sua face, ora em pânico, ora em ira, virará um bicho, tudo isso a depender, é claro, do estímulo dado.

Outro exemplo de força ou motivação básica é a alimentação. Em nossa vida rotineira não chegamos, realmente, a sentir fome, mas ao menor sinal dela, nosso humor já muda. Alguns ficam com dor de cabeça; outros, mal-humorados, e daí por diante. Você já foi a uma festa onde havia poucos salgadinhos? Reparou como as pessoas podem chegar a se empurrar pelos comes e bebes? Sentiu a saliva se dirigindo para a sua boca quando viu uma comida desejável à sua frente? Pois bem, em uma real situação de fome, não essa em que o cidadão médio vive, as pessoas são capazes de fazer qualquer coisa, não sendo inéditos os casos de canibalismo oportunista, algo que também acontece comumente entre os nossos parentes próximos, os já mencionados chimpanzés. O caso mais famoso foi o de um acidente aéreo cujos sobreviventes foram obrigados a comer os corpos das vítimas fatais da queda do avião.

Nesse ponto você pode perceber que a sobrevivência está por trás da necessidade de alimentação. Sim, uma força gera a outra. Mas pode assim mesmo haver conflito, como ocorre com uma mãe em relação a seu filhote. Às vezes, dá briga. Para o caso do conflito da necessidade de sobrevivência como a de alimentação, um exemplo simples é o de um grupo de leões perseguindo búfalos. O leão pode morrer atacando um búfalo. É desvantajoso em

algum nível. Se seu único impulso fosse a sobrevivência, a autopreservação, leões jamais atacariam búfalos, mas a necessidade de se alimentar impõe esse ato. Leões que não atacassem outros animais estariam fadados à morte pela fome. Dessa forma, se acontecer de uma leoa morrer caçando, seu esforço será compensado, em termos de evolução, pela sobrevivência dos filhotes e demais membros do grupo, a qual se tornou possível graças ao resultado daquela caçada: o abate de um búfalo, por exemplo.

Repetindo, então, o nosso comportamento acaba sendo fruto desse conflito entre forças sempre mediado pelo nosso maravilhoso intelecto, que acaba considerando, também na mediação, influências culturais e morais (que às vezes podem ter fundo biológico, também!). Veremos a seguir um exemplo típico desse conflito.

Imaginemos uma situação simples, uma fêmea em idade reprodutiva, uma humana explodindo em hormônios, uma mulher, como você. Imagine que ela se chame Bela. Veja, estamos indo ainda pelo básico e estatisticamente mais frequente na sociedade de hoje: fêmeas heterossexuais e machos heterossexuais. Depois entraremos nos grupos menos representados. Independentemente da vontade racional dela de ter filhotes, ou seja, de suas decisões intelectuais, como mulher, seu corpo começa a desejar machos e começa a atrair machos, em última instância, para ter filhotes. Sua respiração se acelera e sua pele enrubesce com a aproximação de um macho que corresponda ao

estereótipo que se formou em sua mente como atraente. Seu corpo começa a produzir uma série de indicações de saúde e de feminilidade, entre odores, trejeitos, balançadas de cabelo, brilhos nos olhos, eriçar de pelos, sorrisos e enrijecimento de mamilos.

Esses reflexos, hoje, muito escondidos por perfumes e roupas que seguram pelos (além de termos perdido boa parte deles...) e escondem peitos, são alguns dos sinais percebidos intuitivamente pelo macho que sai à caça de fêmeas. A mesma coisa ocorre com as fêmeas em relação aos machos, sendo que alguns autores apontam a seleção por parte das fêmeas ser ainda mais rigorosa que a seleção realizada pelos machos.

Eventualmente, por exemplo, um macho estará disponível para uma fêmea, ou seja, interessado nela, mas ela não estará disponível para ele. Uma fêmea que por ventura perceba que um macho é magro, desengonçado ou frágil, não capaz de manter um território e prover recursos para a sua cria, pode não se sentir atraída sexualmente por ele. Afinal, faltam atributos evolutivos àquele macho. Se aquele for, entretanto, um Woody Allen, ou seja, um pequeno e notório gênio, a mesma fêmea pode passar a se interessar. Afinal, agora, independentemente da impressão causada pela sua força ou falta de força física, aquele certamente é um macho que não somente carrega consigo o poder de dominar um grande território, mas também porta em seu corpo uma carga genética que pode dar igualmente certo em seus filhotes.

Eu estou simplificando bem as coisas, mas não há como começar a explicar sem simplificar. Além do mais, já expliquei que são múltiplos os vetores como esse que atuam sobre nosso destino. Obviamente, também, por exemplo, um macho franzino pode ser atraente para uma fêmea por diversos outros motivos que não a genialidade ou a fortuna. Brilho nos olhos, cor da pele, higiene, precisão de comportamentos, segurança, voz, sorriso (dentes!), todos são sinais de saúde que, invariavelmente, carregam consigo a noção de sucesso biológico diante das ameaças da vida natural. Frequentemente o meio social ou cultural podem também influenciar os critérios de escolha, mas é pouco conhecido se os critérios que vêm da sociedade também não seriam condicionados, ao menos em parte, geneticamente tanto quanto culturalmente. Nossa individualidade permite uma combinação infinita de possibilidades aqui, mesmo porque nenhuma dessas forças tem participação isolada ou necessária no processo. Mas seguiremos aqui, por ora, falando de padrões e estereótipos.

Agora, Bela e o candidato a Woody Allen estão casados. Ele continua fazendo sucesso e ela está supercontente com seus três filhotes. Mas você já parou para imaginar o que aconteceria se a sociedade mudasse ou se a carga genética do pseudo-Woody carregasse algum defeito que fosse fatal a seus filhotes, embora não tivessem sido ao pai? Pois bem. Ela não pensou nisso, mas a evolução fez esse trabalho por ela, que começará a se interessar pelo motorista da família, um jovem musculoso que demonstra muito carinho por

ela e pelas crianças. O próximo filho do casal vai ser um pouco mais alto e bonitão que a média dos irmãos mais velhos. E a vida segue.

A explicação mais comum para isso na literatura é que as fêmeas gastam muito mais energia tendo um filhote do que um macho gasta, mesmo porque, ao longo dos nove meses de gestação, a fêmea não pode ter mais nenhum filhote, enquanto o macho pode fecundar outras dezenas ou centenas de mulheres.

Talvez o melhor exemplo da atualidade que tenha relação com essas premissas seja o grande conquistador mongol Gengis Khan (1162-1227). Na literatura, eu encontrei dezenas de artigos sobre o legado genético desse macho da espécie humana. Entre eles, o de uma pesquisadora chamada Tatiana Zerjal, do Instituto Francês de Agricultura, que reafirma a influência enorme desse conquistador sobre o patrimônio genético de populações asiáticas. Gengis Khan teve, aparentemente, algumas centenas ou milhares de filhos cuja expressão genética permanece até hoje. Por onde passava, fazia filhos. Se fosse uma mulher conquistadora, teria no máximo, em uma vida bastante longa e fértil, trinta filhos. Mas isso não significa que as mulheres tenham uma desvantagem evolutiva em relação ao homem nesse aspecto. Dependendo do conceito de sucesso reprodutivo, não é difícil entender por quê, bastando para isso pensar na mãe do Gengis Khan, cujos genes acompanharam os do filho. Ela, no caso, precisou acertar somente

uma vez, e isso foi no momento que “escolheu o pai de seu filho”. De um modo geral, cientistas creem que os homens, enquanto máquinas de perpetuar genes, podem ter uma estratégia generalista sem perder muito tempo com a escolha de uma fêmea que seja boa reprodutora, ao passo que cada fêmea estaria procurando o seu próprio Gengis Khan. Esse raciocínio, que pode ser encarado como simplista e até machista pelos cientistas mais rigorosos, está indubitavelmente presente na maior parte da literatura a respeito do assunto.

Essencialmente, vou abordar um assunto que é chamado popularmente de “competição de esperma” ou “guerra de esperma”. Essa guerra ocorre no aparelho reprodutor feminino, quando se encontram espermatozoides de mais de um macho. Essencialmente, por um lado, a fêmea molda o seu comportamento químico para priorizar a diversidade da carga genética presente em seus filhotes. Enquanto isso, espermatozoides travam guerras contra espermatozoides de outros machos quando esses se encontram dentro da mesma fêmea.

Trocando em miúdos, se uma fêmea for casada com o Woody Allen há cinco anos, já tendo, portanto, tempo suficiente para ter mais de um filhote, ao se deparar com um Gengis Khan, ela pode, caso transe com ambos, induzir de diferentes formas seu corpo a escolher o esperma do conquistador mongol a vencer a batalha de espermatozoides que se passará dentro de seu corpo. Ao mesmo tempo, o

esperma do Woody, que já está acostumado com aquela fêmea, sabendo dos perigos da suposta monogamia, é também morfologicamente alterado. Ele se torna muito mais defensivo que fecundador. Funciona como um time de futebol americano, com muitos zagueiros e apenas alguns atacantes fecundadores. Ao passo que os zagueiros são grandalhões e bicefálicos, com caudas curtas que os deixam mais lentos, os fecundadores são rápidos e com somente uma cabeça (acrossoma). Os zagueiros se posicionam à espera de qualquer esperma diferente, que, caso apareça, é imediatamente atacado e destruído. Os fecundadores deixam isso para lá e correm à busca do cálice sagrado, o óvulo. No caso do esperma do Gengis Khan, que não tem fêmeas fixas, o esperma é meramente fecundador, tipo um time formado somente por atacantes. Nessa confusão toda, entra a fêmea manipulando física e quimicamente, de diferentes formas, o sucesso do macho, ou melhor, da carga genética desejada. Tudo isso, é claro, inconscientemente. Mas sobre isso conversaremos mais à frente.

A poliandria, ou seja, o fato de fêmeas terem vários machos como pais de seus filhotes, é amplamente disseminada no mundo animal e atribuída, assim, à vantagem evolutiva que a fêmea teria na diversidade da carga genética de sua prole. Se o macho dela tiver algum problema capital ou se a carga genética da fêmea for incompatível com a daquele parceiro, alguns filhotes com outros machos poderão garantir o sucesso na passagem dos genes da mãe.

Um interessante trabalho feito pela pesquisadora Pamela Heydi Douglas, do Instituto de Antropologia Evolucionária Max Planck, na Alemanha, mostra que, tanto os sinais sexuais secundários quanto a própria ovulação das fêmeas de bonobos (*Pan paniscus*) – uma espécie de chimpanzé menor, mais sexual e menos conhecida do grande público –, variam possivelmente de modo a confundir os machos sobre seu período fértil. Assim, o macho que se considerar dono daquela fêmea não saberia o momento exato de isolá-la dos demais machos. Isso seria uma estratégia biológica desenvolvida por essa espécie, extremamente sexual, para que seus filhotes não fossem gerados por um único macho. O comportamento poliândrico, que também é comum no chimpanzé que nós conhecemos (*Pan troglodytes*), é interpretado pela pesquisadora da Universidade de Nevada, Jeanne Zeh, como uma estratégia evolutivamente desenvolvida contra uma eventual incompatibilidade genética entre a fêmea e um macho específico.

Mas se você está suspeitando da simplicidade e dos excessos especulativos dessas explicações, você faz muito bem. A vida nem sempre é tão simples e muito menos tão óbvia. Trabalhos científicos publicados em revistas conceituadas frequentemente erram. A ciência é assim! Há dezenas de motivos e argumentos para não acreditar piamente no que eu disse acima: o primeiro e mais claro é que nós somos muito mais complexos que isso; outro é que nada disso pode ser provado, principalmente

quando se aponta um processo como causa de outro, ou seja, as relações causais subjacentes a tudo. Uma grande gama de fatores pode influir no fato de fêmeas gostarem de ter mais de um macho, entre eles, o simples prazer de se relacionar com machos diferentes. Esse prazer tem de ter uma causa evolutiva específica? Sei lá! Isso rende uma discussão de horas.

Mas lembre-se de que estamos ainda justamente explorando as motivações mais básicas e os animais que trazemos em nossa herança genética. Nossos corpos foram moldados pela evolução e o acaso e trazem a reboque todas as nossas características fisiológicas em todos os aspectos possíveis e imagináveis, desde a simples circulação do sangue e a liberação da adrenalina que nos deixam trêmulos e mais fortes e atentos em situações de tensão, passando pelo ciclo menstrual feminino, até os caracteres sexuais secundários masculino e feminino, o cuidado com filhotes, etc.

Todos os impulsos fisiológico-comportamentais juntos – respirar, se alimentar, se hidratar, dormir, reproduzir, se proteger e proteger os colegas de grupo – e as estratégias associadas, por si sós, já moldam boa parte de nosso comportamento, tanto nos detalhes quanto nas grandes questões. Da necessidade de nos fazermos acreditar e confiar criamos um mundo de expressões e códigos, como é o choro, uma espécie de atestado de sinceridade; da vontade de permanecermos vivos, criamos a salvação máxima, as religiões, solução definitiva para a questão da

morte; da necessidade de vivermos em grupos, criamos as rotinas, sinais de reconhecimento de grupo, como uma torcida que usa camisas iguais e que deseja matar quem tem camisa de outro time, comportamento comum em alguns estádios brasileiros.

Até os sonhos, que são envoltos por tantos mistérios, são artifícios que evoluíram em nossa psique e que servem à nossa sobrevivência. Você sabe quantas horas um piloto de caça passa em simuladores de voo antes de voar de verdade? O sonho é mais ou menos assim. Tudo o que você percebe que pode se tornar uma situação interessante ou perigosa você transforma em sonho. Os sonhos simulam a vida em seus extremos, em situações de risco máximo nas quais você jamais se machucará mas treinará para a vida real. Você enfrentará bandidos, conquistará o homem amado, sofrerá com fracassos e viverá vitórias, tudo sem correr qualquer risco, protegida pela paralisia que o sono provoca. Imagine nossos ancestrais elaborando estratégias para fugir eficientemente de grandes felinos durante os sonhos para implementá-las na vigília, ou sonhando que caíam da árvore, uma maneira bem eficiente de se manterem atentos e grudados aos galhos. Os sonhos são como simuladores de voo desenvolvidos pela evolução para treinarmos para a vida.

Os mitos sobre a nossa capacidade divinatória durante sonhos vêm disso, muito provavelmente. Como simulamos todos os perigos e demais situações da vida nos sonhos,

quando esses de fato se realizam, passam a ser considerados premonições. Mas na verdade nada mais é do que nosso intelecto projetando um futuro a partir do que percebe no presente.

Sim, isso é só um tipo de visão. O fato de sermos multifacetados faz com que seja possível que sociólogos, por exemplo, atribuam nossos comportamentos totalmente às sociedades e culturas em que nascemos. Psicanalistas e estudiosos da psique podem atribuir a traumas e a uma imensa sorte de causas os mais diferentes sonhos. Cientistas sociais e antropólogos questionariam, até sabiamente, como poderíamos explicar as diferenças comportamentais encontradas nas diferentes culturas, se somos uma espécie só. Essas diferenças seriam prova suficiente para demonstrar que somos moldados pela cultura e não pela genética ou pela evolução. Como explicar a existência de sociedades que giram em torno das mulheres e outras que giram em torno dos homens? Como explicar as diferentes facetas de comportamento sexual, alimentar ou territorial de uma sociedade para a outra?

Há muitas maneiras de entender tudo isso, a mais óbvia, é que, sim, parte significativa da variação entre diferentes sociedades é cultural mesmo. Mas é importante deixar claro que o escopo dessa discussão é o que liga todas essas sociedades, o que há de comum entre essas culturas, e não o que há de diferente. O que há de comum somos nós, o bicho homem, o *Homo sapiens*. Nesse sentido, é importante

também não nos deixarmos iludir pelas diferenças. Uma mulher coberta por mil burcas pode ter desejos similares ou até maiores do que aquelas que andam de biquíni na praia, assim como os homens à sua volta. Todas as diversidades observadas podem acobertar similaridades imensas, não somente entre diferentes culturas humanas, mas também entre a espécie humana e os demais animais.

Da mesma forma, é importante mais uma vez deixar claro que essa capacidade de assimilar referenciais culturais é totalmente determinada pela genética humana, e que a própria cultura evolui, talvez de uma forma um pouco diferente do que os organismos associados a elas, mas evolui.

CARTA 3

Ciência e religião são incompatíveis?

Como já você deve ter percebido, muitas das respostas que dou começam com um “depende”. Seria o caso, nesta carta. Não quero que pense, entretanto, que a resposta que dou a qualquer pergunta seja, necessariamente, relativa. Em assuntos complexos a pergunta é que, sempre, deve ser clara e precisa, caso se queira uma resposta igualmente clara e precisa.

Então, refaçamos a pergunta: é possível compatibilizar uma mente científica e o pensamento religioso, sem conflitos? A resposta é: sim! Na verdade, ousar dizer que é mais fácil não encontrar razão para conflito do que o oposto. Religião e ciência ocupam espaços metafísicos diferentes. Melhor dizendo, a função central da ciência em nossas vidas é totalmente diferente da função da religião e, portanto, ambas deveriam conviver sem problemas em uma sociedade civilizada ou mesmo em uma mesma mente.

Diga-se de passagem, grandes nomes da filosofia (Pitágoras, Parmênides, Sócrates, Kant e Hegel) e boa parte dos maiores cientistas que já pisaram sobre a terra eram religiosos. Correndo o risco de estar generalizando um pouco, praticamente todos os pensadores, filósofos e cientistas até o ano de 1800 d.C eram religiosos, não incomumente, padres. Meu filósofo moderno predileto, um dos mais respeitados dos séculos XX e XXI, o estadunidense Hilary Putnam, era um judeu praticante. Uma das figuras mais importantes para o desenvolvimento da teoria evolutiva moderna e da genética foi o monge beneditino austríaco chamado Gregor Mendel. Quer exemplo melhor que esse?

Mas vamos voltar às diferenças de nicho metafísico entre a religião e a ciência. Para começar, a religião tem a missão de estabelecer a conexão entre o homem e um possível mundo espiritual, coisa nem de longe tocada pela ciência. Para o perfeito estabelecimento dessa conexão, cada religião tem seu código moral, baseado em regras universais que devem ser respeitadas. Geralmente essas regras estão associadas a um ou vários textos, o que faz com que elas variem um pouco conforme a interpretação de quem os lê e dos líderes religiosos de seu tempo. Cristãos se prendem à Bíblia; judeus à Torá; hindus recorrem a suas escrituras, entre elas os famosos Vedas; budistas, aos ensinamentos do Buda, etc.

Geralmente, as religiões vêm também acompanhadas de explicações sobre o surgimento do mundo. No caso

da cristã, um Deus único teria criado tudo o que vemos por aqui. Há diferentes posturas nesse sentido. Alguns cristãos, por exemplo, se prendem aos detalhes, ou seja, leem a Bíblia literalmente. Acreditam em Adão, Eva, na criação do mundo em sete dias, etc.; outros entendem tudo como metáforas, entre eles o Papa Francisco. Outros, ainda, certamente acreditam no Deus cristão, mas não levam totalmente a sério o que está escrito na Bíblia. Já conheci vários católicos que jamais leram esse livro. Logicamente, ao menos esses, não devem crer que aquelas palavras representam o desejo e os saberes de Deus, caso contrário, provavelmente leriam. Eu seguramente leria se acreditasse que algum texto reflete o saber de um deus.

Contudo, para discutirmos a relação entre ciência e religião, é importante dizermos antes que há diversos conflitos entre grupos religiosos. Quem não é capaz de aceitar diferenças dificilmente deixa de ser intransigente. Há conflitos entre radicais em quaisquer áreas, inclusive dentro de religiões, como os permanentes confrontos entre sunitas e xiitas dentro do Islã ou entre a ala mais moderada e a mais tradicional dentro da Igreja Católica. Isso para não falar, dentro do mundo cristão, nas diferenças entre católicos e protestantes.

Além desse conflito entre grandes grupos, há muita diferença individual entre os religiosos. Eu, por exemplo, estranho a história de Adão e Eva desde criança. Eu não entendia como essa família tinha colonizado o mundo. Já

com 16 anos eu conhecia genética, entendia mais ou menos o que era seleção natural e não acreditava que Deus ficasse preocupado com qual dos filhotes do coelho ia sobreviver ao coioite, ou seja, qual pelagem entre os coelhos seria positivamente selecionada por se parecer mais com a neve ou a floresta ao seu redor. Eu não entendia como alguém podia duvidar da existência da seleção natural se isso era demonstrado a cada pneumonia da qual alguém era curado, já que os antibióticos precisam acompanhar a evolução das bactérias. Aquelas bactérias resistentes sobrevivem e se multiplicam, tornando as infecções gradativamente mais comuns e difíceis de serem controladas com os antibióticos antigos. A seleção de raças de cachorro, galinha, pombos, porcos e outros animais de cativeiro também é exemplo inexorável do sucesso de um tipo de seleção, agora, “artificial”.

Por outro lado, parecia lógico que, se Deus tivesse criado tudo, ele também teria igualmente criado a seleção natural e a evolução, na medida que ambas fazem parte do mundo. Por que não? Depois de criar a evolução ele ficou na dele! Teria ficado com assuntos mais gerais, grandes questões filosóficas, sei lá. Talvez ele tivesse na cabeça algo como a razão por trás de todos os processos do mundo. A questão do funcionamento do livre arbítrio. Grandes temas! Mas não ficaria preso aos processos moleculares ou de predação e competição entre animais e plantas. Ele deixou esse assunto conosco, os cientistas. Imagine Deus

envolvido com a seleção e modificação ao longo das gerações das moscas de fruta (*Drosophila* spp.)! Seria o tempo divino mais mal utilizado em toda a eternidade!

Resumindo, cada cabeça, uma sentença. Assim como há diferenças entre doutrinas e grupos religiosos, há diferença entre indivíduos. No meu caso, cada idade, uma sentença. Hoje eu não penso mais como antes. De qualquer forma, a partir disso, é claro que não dá para jogar todos os religiosos, ou todos os cientistas, que também são diferentes entre si, no mesmo saco e tratar todo mundo da mesma forma.

Voltando agora para a ciência: ao contrário da religião, ela não tem qualquer missão que se associe ao estabelecimento de uma relação com o mundo espiritual, nem essa outra dimensão é objeto de teste ou estudo científico. Ao mesmo tempo, a ciência não se preocupa com uma razão geral para que tudo aconteça; ela se concentra mais nos processos e em suas relações causais imediatas. Por exemplo: os animais reproduzem, essa reprodução está condicionada geneticamente, e o seu formato pode respeitar referenciais genéticos ou culturais, conforme o grupo zoológico. Aprofundamo-nos, como zoólogos, nos processos associados a esse e a todos os demais fenômenos. Não nos perguntamos: “tudo isso foi planejado por alguém?”; “a evolução em si não seria uma criação de Deus?”; “há uma intenção, uma mente brilhante, por trás dos processos naturais do mundo?”. Como indivíduos pensantes, todos

nos fazemos essas perguntas, mas a ciência não nos proporciona respostas nessa área, nem investiga isso.

Se o assunto for a física, vamos procurar as causas ligadas diretamente aos processos e fatos empíricos observados. Por que a luz se desvia ao passar por grandes corpos celestes? Como explicar a gravidade? Do que é feita a matéria escura? Vamos entender o que se encontra por trás do comportamento de partículas subatômicas e a causa de os elétrons ora se comportarem como ondas ora como partículas. Nossas perguntas são objetivas e jamais procuram porquês transcendentais, ou seja: por que o mundo é assim e não de outro jeito? A gravidade tem um criador supremo? Não perguntamos isso por não ser uma questão científica, mas sim uma questão metafísica, domínio do saber onde a fé e a filosofia se encontram, mas não a ciência.

Vamos usar a evolução como exemplo para que tudo fique bastante claro. O trabalho de biólogos é entender como ela funciona do nível micro ao macro. O controle de pragas agrícolas, vírus e bactérias são exemplos, em tempo real, de seleção natural. Parasitas estão cada vez mais resistentes, sendo necessário o uso de remédios cada vez mais sofisticados. As relações de parentesco entre animais, sua conexão com os ambientes, com a deriva dos continentes, com as glaciações, com os grandes eventos de extinção, etc., tudo isso nos interessa muito. Os biólogos e matemáticos desenvolvem todo o tipo de modelos, cálculos e equipamentos para entender os mecanismos e

processos relacionados à evolução. Os filósofos, por sua vez, vão se perguntar, por exemplo, se a evolução tem um rumo predefinido ou se devemos percebê-la como caótica. Eles vão discutir a noção de progresso no cenário evolutivo e os diferentes conceitos usados por biólogos, como o conceito de espécie, de parentesco de comunidade, etc. Poderíamos dizer que uma bactéria é mais primitiva que um ser humano? Melhor, pior? Isso tudo é assunto para filósofos interessados em evolução.

Filósofos podem também discutir se haveria a necessidade ou se há evidências de um pensamento divino por trás do processo evolutivo, uma mão invisível por trás de tudo. Se os processos têm uma direção, isso não seria uma evidência de ordem? Por que haveria ordem? As especulações filosóficas a esse respeito podem chegar a vários pontos interessantes. No mundo da metafísica, filósofos discutirão o conceito de Deus e suas relações com religiosidade.

Especificamente, quando se passa a considerar a existência de Deus, nos aproximamos da teologia, que vai estudar toda sorte de assuntos associados. Nesse momento, a ciência já ficou muito, muito distante. Como diria o filósofo Markus Gabriel (2015), Deus não pertence ao campo dos sentidos do conhecimento científico. Isso se encontra no escopo da história, da metafísica e do pensamento religioso.

No caso da moral, a ciência e todo o conhecimento do mundo não resultam, necessariamente, em qualquer código a ser seguido, como acontece, invariavelmente,

com a religião. Para que haja um código moral inflexível, deve existir uma autoridade suprema, perfeita, no caso, Deus. Se cientistas não elegem verdades absolutas, preferem hipóteses, e se eles por princípio respeitam as opiniões individuais, seria razoável entender que eles também não precisem impor qualquer código moral coletivo. Ao contrário da religião, então, a ciência não carrega em si tais regulações, embora alguns pensamentos filosóficos e mesmo o conhecimento sobre nossa espécie biológica possam ser entendidos e utilizados como referenciais interessantes na direção da construção de uma moral.

Ateus e agnósticos têm essa difícil missão em suas vidas, a de desenvolver seu próprio senso de moral. Logicamente, há referenciais éticos que necessariamente fazem parte das rotinas de acadêmicos como em qualquer outra profissão, mas não há referenciais morais que brotem do conhecimento científico, que sejam consequência necessária deles. Além disso, sendo um pressuposto da ciência respeitar a liberdade de opinião e admitir a possibilidade de estarmos incorrendo em erro a todo o momento, acaba sendo um corolário importante da ciência jamais impor suas “verdades” sobre outros sistemas de saber. Talvez esse seja, de fato, o único e paradoxal lema moral decorrente da ciência, a necessária falta de imposição de referenciais morais.

Dessa forma, não tendo Deus como objeto de estudo, exceto do ponto de vista histórico, cientistas deixam de ser cientistas quando afirmam sua inexistência. Eles até podem

falar, mas estarão fazendo isso não mais como representantes de nossa classe. A existência de Deus não é testável, e cada vez que um cientista afirma que Deus não existe, ao contrário de fortalecer, ele enfraquece a ciência, pois invade uma área da metafísica em que a opinião dele se torna tão científica quanto as impressões de uma criança sobre o mundo ou quanto a própria crença de religiosos. Um deus inexistente jamais deixaria evidências de sua própria inexistência.

Já contei a história de um querido amigo cientista e ateu que me ligou no meio da noite para me perguntar como ele poderia se relacionar com a crença da filha em Deus? Sua filha, ainda uma criança, estava perguntando a ele se Deus existia. Meu amigo estava desesperado por não querer mentir para a filha. A mentira é inimiga atroz dos cientistas. Nós somos amigos da busca da verdade, ou deveríamos ser. Eu fiz por ele o básico, o mínimo que um socrático e amigo poderia fazer. Perguntei a ele qual a verdade que um cientista como ele poderia falar sobre Deus. Ele me respondeu: “bom, como cientista, nenhuma! Nem temos verdades nem testamos Deus!”. Muito bem, a resposta à filha dele estava dada. Ele não acreditava, mas como cientista não podia afirmar nada sobre a existência ou inexistência de Deus.

Nesse ponto, abre-se a oportunidade para uma conversa interessante. Nós, cientistas, devemos estar abertos para o mundo e para as diferentes ideias. Isso não é uma mera

conversa retórica ou de filosofia de botequim. Temos dois mil e quinhentos anos de história da filosofia nas costas que nos demonstram claramente que *não sabemos a verdade sobre nada, e quando soubermos, não saberemos que sabemos*. Essa, no fundo, é a mesma verdade de Sócrates em seu “sei que nada sei”. É a paradoxal verdade que funciona como motores propulsores de toda a ciência e com a qual nos debatemos diariamente, mas que não poderemos jamais, simplesmente, fingir que não a sabemos.

Trata-se de uma questão que costumamos chamar de honestidade intelectual. Podemos falar sobre o método científico e a coerência geral de hipóteses, mas não podemos inibir credos. Quem faz isso não sabe o que faz, ou sabe, mas o faz por ideologia, filosofia, por convicção metafísica, que são estruturas válidas de saber, mas que são baseadas em crenças, assim como o é a religião, com a qual coexistem em um espaço metafísico que não permite testes ou refutações.

Lógico, há casos em que esses referenciais poderão ser abandonados, particularmente, quando eles se sobrepõem a referenciais filosóficos igualmente importantes, como a própria valorização da vida. A esse confronto de referenciais chamamos dilema moral. Esse é o caso, por exemplo, de quando pais religiosos põem em risco a saúde de crianças enfermas cujo único tratamento possível é proibido por seu credo. Esse tipo de dilema acaba acontecendo em muitas ocasiões e áreas em níveis de gravidade menos flagrantes. É o caso da batalha contra o ensino do criacionismo, tra-

vestido de “design inteligente”, em aulas de ciência, quando cientistas são obrigados a ter uma postura mais dura do que o de costume.

O fato é que, mesmo diante de dilemas como esse, temos de admitir e respeitar como possíveis, mesmo que não prováveis quaisquer credos. Se alguém quiser acreditar em um bule de chá voador indetectável, que observe a todos em nosso dia a dia e que tenha dado o pontapé inicial na criação do universo; jamais poderemos afirmar, como cientistas, que tal bule indetectável não exista. Curiosamente, o fato de não encontrarmos o bule voador confirma sua característica principal, ou seja, a de ser indetectável. Podemos não considerá-lo em nosso sistema de saber e dizer que não há evidências que nos levem a crer em sua existência, ou mesmo que é insano acreditar nisso, mas dizer que ele não existe demanda sairmos de nossa área.

Estando as diferenças expostas e sendo elas claríssimas, o que justificaria então o permanente conflito entre religião e ciência? O único conflito possível entre religiosos e cientistas, ou entre nossa parte religiosa e nossa parte cientista, é quando uma delas tenta ocupar o espaço da outra.

Ou seja, por um lado, alguns religiosos chamam seus dogmas de científicos e, por outro, cientistas atacam a existência de Deus, ocupando, assim, o campo das religiões e não mais o das ciências. Por isso considero que essa sobreposição seja mais difícil e incomum que a coe-

xistência. Em uma sociedade civilizada, de pessoas bem-educadas, essa sobreposição, quando existisse, deveria ser bem administrada.

Um exemplo de má administração do convívio entre diferentes credos e não credos é quando uma maioria, por ignorância e fanatismo, toma de assalto a legislação de um país. Nesse caso, imediatamente, um referencial máximo de qualquer sociedade civilizada é posto em xeque: a liberdade. Liberdades de pensamento e de credo foram fundamentais para que construíssemos o mundo democrático com a ativa participação de todos. Nesse ponto temos sim uma problemática histórica grave. Afinal, como o pensamento religioso carrega, invariavelmente, sistemas morais, leis que tenham por base a religião vão acabar impondo condições de vida injustas a seguidores de outros credos ou àqueles que não tenham quaisquer dogmas como referenciais, como é o caso de agnósticos e ateus.

Nesse sentido, agnósticos como eu saem em flagrante desvantagem. Essa é uma triste mas inexorável sina. Assim como faz parte de nossas rotinas respeitar todas as opiniões, faz parte necessária das rotinas de algumas religiões não respeitar as demais convicções, uma vez que não faz parte de seu dogma, por definição, considerar a possibilidade de estar errado.

Isso funciona da maneira mais natural possível. Se uma religião qualquer, por exemplo, convence seus fiéis de que Deus seria contra o uso de células-tronco no tratamento

de doenças, sendo essa religião majoritária entre a população e sendo esse um referencial moral, é possível que as leis desse país acabem carregando uma carga associada a esses dogmas, uma vez que representantes dessa parcela da população serão, inevitavelmente, eleitos. Com o aumento do protestantismo no Brasil, por exemplo, muitos pastores se tornaram políticos, passando, portanto, a serem responsáveis por propor e rever leis. Dessa forma, como resultado quase inevitável, dependendo do grau de impregnação religiosa nas leis, um ateu ou um seguidor de alguma outra religião terá de viver sob leis impostas por uma moral que não é a dele. É possível, por exemplo, que um pai talvez não consiga tratar a doença de seu filho mesmo que ambos sejam ateus, porque seus atos seriam oficialmente ilegais. No caso do Brasil, o aborto é proibido por motivos ligados à moral cristã, principalmente. Muitos cristãos acham o aborto um absurdo, mesmo em caso de estupro e em estágios nos quais o feto sequer tem sistema nervoso central; estão certos de que se trata de um atentado contra a vida, ao passo que mulheres abusadas sexualmente acreditam que atentado contra a vida é permitir que sejam obrigadas a carregar consigo o fruto daquela violência.

Esse é um viés macabro da democracia com o qual temos de conviver. A pergunta que me faço a esse respeito é: o que o agnóstico deve fazer e o que fazer em relação a isso? O que fazer diante de pessoas que insistem em nos condenar, que tentam impor sobre as leis que com-

partilhamos as suas premissas e que insistem em ensinar como científicos os seus dogmas? Ou seja, o que fazer em relação aos fanáticos ligados a movimentos religiosos ou ideológicos (não há fanatismo só na religião), sejam eles de que natureza for?

O já mencionado “design inteligente” pode ser considerado outro exemplo interessante dessa indesejada sobreposição. Após levantarem uma série de fatos que mostram como é espetacular a diversidade de formas biológicas existentes no mundo, religiosos afirmam que tudo é tão maravilhoso e complexo que somente um Deus poderia tê-lo criado. Afirmam ser isso uma hipótese científica como outra qualquer. Ou seja: a vida é maravilhosa e complexa, então foi Deus quem a criou. Vejamos, por exemplo, as conchas de caramujos. Elas crescem em *designs* extraordinários que somente são explicados por uma matemática complexa. Isso não poderia ser ao acaso, dizem seus defensores. Assim como acontece com um relógio, que precisa de um relojoeiro para elaborar todas as peças e colocá-las em ordem para que marque as horas, Deus, um criador inteligente, deve estar por trás de tudo de complexo que há nesse mundo.

Esse tipo de percepção do mundo não é novo. Quando Pitágoras e seus seguidores entenderam que o movimento das estrelas e a música respondiam a uma lógica matemática, imediatamente associaram tudo a um grande plano divino. Como poderia tudo, música, movimento dos pla-

netas, as formas geométricas e o crescimento das conchas estarem conectados pela matemática? Sim, não são argumentos tolos. Durante muito tempo os próprios cientistas procuraram entender Deus através de sua obra, como se houvesse pistas por todo lado que mostrassem o rumo para Deus. Ainda hoje é possível encontrar acadêmicos obcecados por decifrar algo que acreditam ser uma espécie de enigma celestial, algo que serviria de pano de fundo para o surgimento de tudo.

Temos estudado o mundo e o entendido cada vez mais. De fato, alguns fenômenos do mundo seguem padrões, e a vida do cientista é buscar ferramentas para entendê-los. Na ciência, esses padrões são conhecidos como regras ou leis da natureza, por exemplo, as leis de Newton, a gravidade, etc. Nossa reação imediata é aplicar a matemática, que é a ferramenta que melhor usamos para entender o mundo à nossa volta. Mas todo conhecimento tem um limite. Na astrofísica, por exemplo, entender o que veio antes do Big Bang é um grande desafio, um desafio quase impossível, mas a mente do cientista não sossega.

Sempre alguém poderá dizer que essas regras e padrões presentes foram criados por Deus. Quando descobrirmos as causas de todas as regras e processos conhecidos, alguém poderá dizer que Deus criou as causas agora descobertas. Isso pode ser dito e pode ser verdadeiro. Sem problemas! Não seremos nós a dizermos o contrário. Mas não se deve pensar que essas afirmações são científicas, pois elas não

são verificáveis, não são falseáveis e não se respaldam em evidências outras que não nosso próprio desejo.

Finalizando, então, com as causas máximas do conflito. Quando esse tipo de crença invade o espaço legal (a legislação) que vai reger a vida do cidadão não religioso, ou quando alguém insiste em tratar como ciência algo que é fruto de um dogma ou uma crença qualquer sem fundamento na observação ou no saber geral daquela sociedade, surge um campo vasto para atrito, agora, de certa forma, justificado.

Nessa ocasião, muitos cientistas ateus partem para o confronto, acreditando piamente que nosso lugar ao sol depende, invariavelmente, de uma postura agressiva diante do pensamento religioso. Criam-se então blogs, sites, perfis de Facebook, associações dedicadas a esse combate. O combate é particularmente forte quando o assunto é a impregnação de crenças de uma religião qualquer na legislação do país. Na minha, eles fazem a parte deles nessa história, mas não usam a melhor estratégia. Não usam pelo mesmo motivo que a ONU relutou tanto em bombardear as cidades sírias ocupadas pelo Estado Islâmico: acertariam, invariavelmente, inocentes. Frequentemente os ataques de ateus não se restringem ao que interessa, ou seja, a convencer a sociedade da importância da ciência. Eles acabam atacando a figura de Deus e os religiosos em si. Nesse momento, mais uma vez, perdem a razão.

Eu dedicarei uma carta inteira a esse assunto, ou seja, a como lidar com o fanatismo ou, simplesmente, com a

diferença. Por ora, basta dizer que sou fã incondicional do incrível Mahatma Gandhi: nada de violência. O primeiro passo é entender que todos têm o direito de optar pelo sistema de saberes que bem entenderem. O segundo é não se deixar fanatizar no lado oposto. Não faz sentido mudar nossa percepção do mundo como retribuição a um ataque que, no fundo, é motivado, ao menos em parte, por uma expectativa sincera de encontrar e promover a verdade.

Um ataque às religiões somente resulta em frutos podres. Por um lado, acabamos atacando sem querer uma grande massa de religiosos que são totalmente favoráveis ao conhecimento científico e à sociedade laica. Um ataque traria também uma antipatia consequente ao que mais temos que valorizar como principal remédio contra o fanatismo, ou seja, a educação científica. Corremos o risco de afastar as pessoas da ciência.

O caminho realmente eficiente para lidar com o problema da ameaça à laicidade de nossa sociedade não é outro senão cada cidadão consciente se envolver pessoalmente na luta pela educação de qualidade, que inclua noções fortes de cidadania e divulgação do conhecimento científico e filosófico, mostrando cada vez mais como o conhecimento científico tem um lugar importante em nossas vidas e como ele não interfere em nossa ligação com o mundo espiritual, seja ele qual for. Como diria o grande filósofo muçulmano Averróis (1126-1198), como poderia Allah nos brindar com o raciocínio e a ciência se não para o próprio bem de sua criação? A medicina, a biologia, a física, o

desenvolvimento tecnológico e a filosofia estão cada vez mais presentes na vida do cidadão, e isso deve ser utilizado a nosso favor, jamais contra.

Não podemos nem devemos atacar a percepção de divindades como se fosse coisa de ignorantes, como é comumente feito. Cientistas que fazem isso merecem a alcunha de ignorantes por desprezarem o histórico das ciências e a importância que as mentes de religiosos tiveram em nosso desenvolvimento científico. Brahma, Shiva, Vishnu, Deus, Allah sempre serão explicações metafísicas possíveis para tudo aquilo que ainda nos é desconhecido. Mais importante ainda, em tempos de mundo globalizado e de forte tendência à homogeneização do saber, das morais e das percepções da vida, cabe também a intelectuais a tarefa de valorizar a diversidade cultural mundial, frequentemente refletida pela diversidade de religiões, credos e sistemas de saber. Essa deve ser uma de nossas principais batalhas de longo prazo.

Tanto cientistas devem aceitar a opção pela crença em Deus quanto religiosos devem aceitar todos os demais credos, assim como a posição de ateus e agnósticos. Temos de confiar na força da educação como nossa aliada no combate à intolerância. Em uma sociedade livre e democrática, não temos outra opção nem deveríamos ter outro desejo.

CARTA 4

Como alcançar a felicidade

Talvez essa seja uma das questões mais complexas e importantes a serem respondidas neste livro. Embora seja necessário mais de um capítulo para abordar todos os seus aspectos, eu acredito piamente que os pontos mais importantes, ou melhor, que o ponto mais importante possa ser desenvolvido nesta carta.

Como a maioria dos campos do saber, senão a totalidade, o conhecimento parece se apresentar em camadas, algo que por si só já é importante. Quando estudamos geografia, por exemplo, e entendemos a topografia da terra, com todas as suas montanhas, solos e rios, podemos vislumbrar todo um universo de saberes extremamente úteis ao entendimento da vida e dos costumes. Quando nos aprofundamos, explorando o nosso conhecimento sobre a geologia, passamos a entender a história do surgimento das montanhas, o relevo e a composição química das rochas. Se formos mais a fundo no conhecimento astronômico,

passamos a compreender a origem da terra e suas relações com o universo, o que por si só agrega conhecimento às camadas anteriormente referidas.

Assim se passa com qualquer sentimento, entre eles, a felicidade, uma sensação que pode ser explorada em diferentes níveis de causalidade. Podemos falar sobre o seu lado animal e sua função no aspecto evolutivo. Podemos pensar em termos de psicologia e como aquele sentimento animal sofre a sua influência a partir do histórico pessoal de cada um. Podemos pensar em uma questão mais imediata, ou seja, química, e como pequenas alterações de alimentação, luminosidade e outras podem se reverter em sensações associadas. Ou podemos pensar em termos mais amplos, filosóficos, sobre como lidar e manipular esse sentimento central em nossas vidas de modo que ele nos ajude mais do que atrapalhe.

Aqui, nesta carta, vou tentar estabelecer as relações entre essas partes enfatizando aquelas que estão mais sob nosso controle do que as demais, a questão última, ou seja, filosófica, sempre deixando claro que um conhecimento do processo causal é importante para que possamos nos posicionar filosoficamente. Eu já falei sobre isso em uma carta anterior. Essencialmente, para saber o que fazer com uma sensação qualquer, é importante conhecer a sua natureza. Com a felicidade não é diferente.

Antes de discutir esse assunto, entretanto, eu gostaria de falar sobre algo que me veio à mente somente agora.

Na Carta 1, sobre o sentido da vida, em nenhum momento eu falei em felicidade. Isso foi involuntário e me parece interessante por ser um ponto capital no caminho de aprofundarmos a nossa percepção sobre ela. Afinal, se em todo o meu discurso sobre o sentido da vida eu não a mencionei, talvez isso tenha acontecido devido a um motivo, mesmo que inconsciente.

A felicidade é um estado de espírito que todos sabem identificar, mas poucos sabem definir. Isso porque racionalizar um sentimento tão primário quanto esse é algo impossível por definição. Em princípio isso pode parecer um impedimento para que lidemos com ele, mas não é. A solução óbvia é utilizar nosso conhecimento sobre a natureza desse sentimento para saber, da melhor forma possível, como lidar com ele.

Ainda na superfície do problema, em uma abordagem meramente filosófica, podemos dizer que ter a felicidade como meta de vida é algo estranho, na medida em que, pelo menos a princípio – e isso não é uma unanimidade entre filósofos –, a felicidade tende a ser uma consequência de nossas conquistas. Ou seja, a felicidade seria uma sensação imediatamente alcançada no momento em que algo bom e importante para nós acontece, mesmo que seja uma conquista de outro.

Obviamente, o que é bom diz respeito ao sujeito que sente. Ou seja, se formos gerais ou políticos sedentos de guerra e conflito, podemos encontrar a realização e,

portanto, a felicidade nesses eventos. Caso estejamos mais para diplomatas pacifistas ou mesmo generais que entendem a guerra como o pior dos caminhos para a paz, teríamos a nossa sonhada felicidade nos momentos de paz. Da mesma forma, empresários desejam sucesso nas empreitadas, cientistas desejam conhecer o mundo, engenheiros querem projetar construções sólidas e arquitetos, espaços bem aproveitados. Os matemáticos buscam a fórmula perfeita; os médicos e os doentes, a cura; e assim por diante. Sempre, diante do sucesso, a felicidade, seja ela momentânea e volátil ou duradora e sólida.

Alguns monges hindus e filósofos acreditam que, sendo um sentimento, a felicidade poderia ser despertada simplesmente pelo poder da própria mente. Ou seja, ao contrário do que foi dito antes, a felicidade poderia ser um fim. Ser feliz não é uma condição mental? Sim, é! Então por que não decidir simplesmente ser feliz? Se dominarmos bem nosso cérebro, então isso seria o suficiente para atingirmos um estado de felicidade. Hindus podem dominar a respiração e as necessidades corporais em níveis que embarçam cientistas. Mesmo praticando todo o tipo de privação, eles mantêm uma saúde às vezes superior em qualidade àqueles que se utilizam de todos os artifícios da sociedade contemporânea, desde a nutrição e até a medicina. Então não seria de estranhar que se possa dominar também o sentido de felicidade, e isso já está demonstrado em estudos que analisam a mente desses super-homens.

Eu tenho para mim, na verdade, que, mesmo sem serem hindus, muitas pessoas são felizes porque em algum momento de suas vidas se convenceram de que ser feliz seria uma questão de honra. Esse é o meu caso, acredito. Ou seja, eu precisava ser feliz e passei a ser. Posso dizer que eu era feliz mesmo antes de minha primeira namorada, antes de minha primeira formatura e antes de minha primeira filha. Nunca deixei de ser feliz, nem nos piores momentos. Não me lembro de quando foi que tomei essa decisão nem tenho certeza de que foi uma decisão ou se já nasci um bobo alegre, mas ela pode ter se passado diante do estímulo certo de uma mãe feliz, de um pai, de um irmão, ou assistindo a um filme qualquer em que isso estava presente.

Claro que isso não é necessariamente válido para todo mundo. Algumas pessoas podem ter propensões químicas, psicológicas ou genéticas a ter estados de ânimo superiores ou inferiores. Há indivíduos deprimidos que, quer seja a depressão relacionada ao passado ou à carga genética, sempre terão dificuldade em ver o lado bom das coisas ou enxergar seus próprios sucessos. Da mesma forma, haverá pessoas compondo músicas felizes ou poesias otimistas mesmo durante as piores guerras. Há pessoas que são simplesmente influenciáveis, ou seja, convencidas por um lado ou por outro – e as redes sociais são boas nisso. Estudos mostram que muitos se sentem miseráveis conforme o uso que fazem das redes sociais. Escolha amigos pessimistas e

que compartilham as mazelas do mundo e experimentará o inferno; tenha um ciclo de amizades iogues e estará sempre experimentando coisas boas. O controle da entrada dessas influências em nós e a força para enxergar o mundo com olhos sábios são cada vez mais importantes.

De um extremo a outro encontraremos todo o tipo de propensão e estado mental. Nós, humanos, somos muito diversos, e essa talvez seja a maior de nossas belezas. Acontece que isso poderia também dificultar a nossa vida na hora de entender algo sobre a felicidade em seu estado mais puro ou de entender como lidar com ela em nossas vidas. Como fazer generalizações se somos tão diversos? Seria possível tratar a felicidade como algo único e viável em termos de discussão se há tanta variação entre as pessoas?

A solução para esse questionamento é a observação dos elementos associados à felicidade e que são comuns a todas as culturas e sociedades. Afinal, temos uma essência em comum: somos humanos, *Homo sapiens*, pertencemos à mesma espécie, e muita coisa nos une como tal. Por exemplo, em todas as culturas há buscas, relações, sorrisos e choros. Sempre há crianças sorrindo. Sempre há doenças, nascimentos, prazer, dor e morte. Você encontrará esse e outros elementos comuns não somente em todas as atividades humanas, mas também entre bichos, de preferência entre os bichos mais próximos. Se há interseção entre as diferentes culturas, se há pontos em comum, esses podem ser abordados como unidade.

Nesse sentido, há filósofos, e não são poucos, que consideram que os movimentos psicológicos de felicidade e tristeza respondem a ciclos internos e externos. Isso significa que tudo que é bom, sejam as paixões ou a própria vida, carrega um oposto consigo, o seu fim. Da mesma forma, todo mal tem um fim. Essa dialética, esse conflito entre opostos, está presente em toda parte e inspirou filósofos de várias linhas, como o estoicismo e o epicurismo, como veremos na próxima carta. Essencialmente, esses filósofos acreditavam de diferentes formas em nossa interferência na parcela desses ciclos que estivesse sob o nosso controle.

Explicando melhor, além dos ciclos mais primários, geralmente inexoráveis, como a vida e a morte ou o dia e a noite, ciclos secundários são formados. Tudo que é bom gera o temor de seu fim, assim como todo o mau cria a expectativa e o desejo do bom. No controle dos ciclos secundários, queles ligados à impressão que as coisas do mundo nos causam, residiria a fonte da felicidade e o contentamento de filósofos. Ou seja, não adianta lutarmos contra o inevitável fato de que morreremos, mas, sim, adianta lutar contra o medo que temos de morrer. Não adianta lutar contra o fato de existir a gravidade, mas, sim, podemos nos esforçar para termos pernas fortes e um corpo leve para carregarmos bem nossos corpos, correr-mos, andarmos e pularmos bem sem maltratar a coluna. Não podemos, e esse era o meu caso, lutar contra o fato de sermos feinhos quando comparados aos colegas, mas

podemos nos esforçar para ser inteligentes e conquistar boas companhias com um interessante intelecto, ou com um corpo saudável. Meu time é o pior time do mundo; em vez de me sentir miserável, posso passar a torcer pelo melhor time do mundo, ou simplesmente entender que, no futebol, a vitória em campeonatos não é tão importante. Não tenho uma Ferrari nem nunca terei, então está na hora de valorizar o fusquinha que está abandonado na garagem. Se há fome e miséria em toda parte, encontre contentamento levando leite em pó para o orfanato da esquina, ou entrando para a carreira política. Se você for esperar o mundo estar todo bem para ser feliz, a infelicidade será a sua sina. É uma questão de escolha. Isso poderia nos parecer fútil em uma primeira avaliação, mas se não escolhermos ser felizes, por que acharíamos que o resto do mundo deveria ser? Não pareceria meio contraditório?

Voltando ao raciocínio dialético, o medo da morte é a primeira consequência do entusiasmo com a vida. Sim, o apego à vida, que em essência é bom, provoca o surgimento desse sentimento, o temor de que ela termine. Esse medo era central e o mais importante de todos para filósofos epicuristas e estoicos em sua busca pela paz. As palavras de Sócrates zombando do medo da morte na *Apologia* de Platão (2022) são extremamente didáticas e nortearam toda a filosofia helênica sobre o assunto. Após a sua condenação, Sócrates confidenciou aos discípulos que via a morte como duas possibilidades distintas: como um sono

eterno e, se fosse o caso, ele jamais sentiria qualquer tristeza, pois estaria descansando em um sono profundo. Ou, conforme diziam as fábulas e mitos, como um encontro com os deuses e com os homens que ele admirava e que já não estavam mais entre nós. Nesse último caso, ele passaria a eternidade fazendo o que mais gostava: inquirir todos com suas investigações filosóficas. Em ambos os cenários, então, não haveria sofrimento com a morte, o que significa que invariavelmente ela não deveria ser temida.

De certa forma, boa parte das religiões acabou incorporando do estoicismo aquelas práticas ligadas à moderação do prazer como remédio para aliviar o temor pelo seu fim. Ou seja, na mente dos estoicos, quanto menos precisássemos para ser felizes, mais garantida seria a nossa felicidade, afinal, o homem que de nada precisa para ser feliz é feliz por definição. No caso específico da religião cristã, ela nasceu no seio de uma Roma helenizada, com forte influência grega, em especial, da filosofia socrática e do estoicismo (Epicteto, Sêneca, Marco Aurélio, entre outros). Além de incorporar as técnicas de alívio de sofrimento em suas rotinas, o cristianismo seduziu seus seguidores com o alívio máximo de todas as dores – a vida eterna, uma solução para o medo primordial.

É inocente, entretanto, como veremos mais adiante, imaginar que o medo da morte e mesmo o seu combate por meio de filosofia e religião seja algo simples e recente na história do homem. Encarando-nos como animais

especializados em sobreviver, o medo da morte é algo muito bem arraigado em nossas origens evolutivas. Bichos passam a vida escapando da morte, e assim o fazemos. Durante milhões de anos fomos selecionados de acordo com nossa habilidade para reproduzir e sobreviver, como visto na segunda carta. Isso nos tornou especializados em crer nessa possibilidade e de sempre encontrar escapatórias. Afinal, nada mais perfeito do que a vida eterna como estratégia de fuga da maior das feras, a inevitabilidade do fim de nossas vidas.

Nesse sentido, acreditar na possibilidade do sucesso é o caminho mais seguro para ele. Lembro-me de uma vez em que dois colegas cientistas que precisavam coletar uma ave se dividiram em uma floresta, cada um com uma espingarda. A ave era importante para um estudo ligado à classificação daquele grupo. Um deles localizou-a e atirou nela com sua espingarda, ferindo o bicho. Ao fazer isso, ele gritou para o colega que a ave estava ferida e tinha voado em sua direção. Meu outro colega, ao ver uma ave se aproximando, conseguiu, com grande habilidade, pegá-la com as mãos em pleno voo, gritando satisfeito: “peguei”. Quando seu colega se aproximou, constatou que aquela não era a ave na qual havia atirado. A confiança do coletor de que podia pegar um espécime ferido fez com que ele tivesse um sucesso raríssimo: pegar uma ave no voo com as mãos. A confiança de que sobreviveremos é algo importante para nós e pode estar por trás de nossas

religiões e na crença na vida eterna. Se ela é ou não eterna mesmo, isso é outro assunto.

Mas o fato de nossa razão nos informar que nascemos condenados à morte tem de ser incorporado à nossa concepção de mundo e no jogo da busca pela felicidade. Lidar com essa percepção em termos racionais passa a ser então extremamente relevante para que vivamos bem e, conseqüentemente, para que sejamos felizes. Resolvendo essa questão por um desses dois caminhos, ou seja, acreditando em uma vida eterna ou sabendo simplesmente que não pode haver qualquer sofrimento na morte, o filósofo passa a tentar resolver os problemas menores.

Esses problemas menores são os pequenos impedimentos que as ilusões da vida nos impõem. Os estoicos, por exemplo, defendiam que, se a nossa felicidade residisse em coisas que estão fora de nosso controle (como era a própria morte), por definição, estaria fora de nossas mãos sermos felizes. Por exemplo, a opinião das pessoas ao nosso redor sobre nós, ou seja, nossa imagem diante dos demais. Os filósofos deram especial atenção a esse ponto, uma vez que boa parte das pessoas tem na imagem formada pelos demais algo extremamente importante. Acontece que, independentemente do quanto sejamos bons e virtuosos, nada garante a aceitação e o reconhecimento dos demais. Frequentemente, inclusive, para ter esse reconhecimento, teríamos de andar na contramão da virtude e da correção. Obviamente, dessa forma, se a nossa felicidade residir da

opinião do outro, precisaremos abrir mão ou dela ou de nossos princípios. Teríamos o comportamento errático e imprevisível, flutuando conforme nossa percepção sobre a opinião de terceiros e jamais estando felizes com isso.

Assim como no caso da opinião dos outros, se pensarmos na felicidade como dependente de nossa beleza e vigor físicos, ela estaria inevitavelmente fora de nosso controle. Se pensarmos em nossa influência, no dinheiro e no poder sobre os demais membros de nossa comunidade, mais uma vez ela não seria dependente de nós e, portanto, nossa felicidade não estaria garantida. Se pensarmos na fama e no número de pessoas que se lembram de nós, para o bem ou para o mal, saberíamos que tudo isso um dia se esvairia e, portanto, a infelicidade se abateria sobre nós. Nesse sentido, filósofos estoicos nos lembravam que toda memória a nosso respeito, por maior que fosse, mesmo aquela reproduzida em livros, cantos e contos, acabaria um dia junto com as cinzas de nossos corpos e do último dos humanos. Ou você acha que isso aqui é para sempre? Na cabeça dos estoicos, para sermos felizes, deveríamos nos condicionar a precisar apenas daquilo que dependesse de nós, a começar por nossa própria capacidade de sermos virtuosos, seja lá o que signifique isso. Nossas ações e nosso pensamento nos pertencem, ou deveriam nos pertencer.

Mais que isso, a busca pelo bem-estar e pela virtude pode nos pertencer. Batalhar por isso sempre estará sob nosso controle. Nossa própria felicidade não necessaria-

mente estará sob nosso controle, mas batalhar por ela está. Talvez por causa disso haja uma forte tendência geral a crer que na batalha residiria a nossa glória. No caminho que escolhemos e na correção das escolhas, encontraremos nossa felicidade perene, constante. Essa é a diferença de alguém que morre sabendo que batalhou certo, na medida do possível, para alguém que ficou perdido nessa tempestade de sentidos, ilusões, medos e prazeres.

Mas o que seria batalhar certo? Esse conceito não parece ruim? O certo pode ser relativo, não há dúvidas, mas ser relativo não implica impossibilidade. Só há impossibilidade de se encontrar um ponto que pertença a um único campo dos sentidos, como dizem os filósofos. Ou seja, jamais encontraremos um referencial ou valor que tenha um mérito ou demérito absoluto; que seja uma unanimidade entre os seres humanos. Mas é possível encontrar pontos que sejam bons na sua ética pessoal de vida, e é isso o que de fato importa. Para ilustrar esse ponto, uma vez sugeri que um professor usasse um monociclo de circo em sala de aula. Sabe aquela roda de bicicleta com um banco em cima? Então, o ato de se equilibrar em um monociclo é similar ao encontro de um referencial ético para a vida. Você nunca pode ficar parado, precisa sempre pressionar os pedais, ora para frente ora para trás, para manter o equilíbrio e o ponto ótimo.

Dessa forma, a medida das coisas é uma constante busca, por exemplo, o altruísmo, essa nossa capacidade de

sermos gentis e bondosos com os demais. Podemos ser bons, mas quando começarmos a nos prejudicar por nos dedicar demais a terceiros, teremos de encontrar o ponto no qual voltaremos a ser o alvo de nossas atenções, no qual voltaremos a ser um pouco egoístas. Falaremos a verdade sempre, até o ponto em que acreditarmos que ela se torne prejudicial quando pensamos em um bem maior. Seremos rigorosos com os erros das crianças até o ponto em que esse rigor se transforme em exagero e seja melhor relaxar a corda. Não roubaremos, a menos que seja estritamente necessário, e batalharemos pelo direito à vida até o ponto que acreditarmos ser possível, que é frequentemente determinado por uma ameaça à nossa própria vida. De ponderação em ponderação formaremos nossos referenciais éticos, nosso comportamento e nosso estilo pessoal de vida.

Claro, se seus referenciais éticos baterem perfeitamente com as leis de seu país, a sua tarefa vai ficar mais simples e menos dolorosa do que se a sua ética pessoal for diferente daquela assumida pelas leis de sua sociedade.

Pode estar parecendo confuso este texto agora, mas estamos no seguinte ponto: pode ser que, nas batalhas que você escolhe durante a sua vida e na forma como você as escolhe, resida a sua felicidade. E ela, a sua felicidade, será perene pelo fato de não depender de nada mais senão da sua própria determinação em batalhar, que independerá de

seu sucesso ou não nas batalhas. O sucesso pode ser a sua meta, mas sabendo que ele depende não somente de você, seu contentamento, ou melhor dizendo, o contentamento de quem deseja garantir a própria felicidade deve residir no fato de estar travando uma bela batalha. Não cabe a nós o que será do mundo, mas sim a construção de nossa própria participação nele e, claro, a construção de nós mesmos naquilo que for possível e no tempo adequado, seja ele qual for.

Entendido isso, partimos para o último e mais óbvio problema a ser resolvido: como escolher bem as nossas batalhas? Batalhamos por liberdade? Pela felicidade das crianças? Pela nossa beleza física? Por um mundo mais justo? Pela conservação da natureza? Pelos animais? Pela nossa beleza mental? Batalhamos pelo saber? Batalhamos pela busca do porquê e pelo quê batalhar?

Uma estratégia extremamente eficiente desenvolvida pelos estoicos para se descobrir isso era justamente viver como se estivéssemos vivendo nosso último dia. O objetivo disso era viver pelo que realmente valesse a pena. Eles também estimulavam uma pergunta em específico: pelo quê você acha que você morreria? A resposta a essa pergunta geralmente era similar à resposta à primeira proposição. Sem dúvida, ninguém responderia que valeria à pena viver seu último dia ou morrer pela opinião alheia, ou viver e morrer por sentimentos tolos. Responda a essas

perguntas (como viveria seu último dia e pelo que morreria) e dará um belo passo na direção de escolher a batalha certa a travar nessa vida.

Eu não sei ainda a minha resposta para qualquer uma dessas duas perguntas, mas sei onde eu gostaria de estar em meu último dia: a seu lado.

CARTA 5

Sobre a liberdade

Depois de falarmos sobre religião e ateísmo, de falarmos sobre moral e sobre a necessidade do ateu e do agnóstico de construírem sistemas morais que não estejam condicionados pela moral religiosa, fica a questão: em quais referenciais nos basearmos?

A liberdade é um desses poucos referenciais *quase* inquestionáveis. Ela é valorizada desde sempre na filosofia e é, sem dúvida, um dos três ou quatro pilares mais importantes da sociedade contemporânea. Isso não implica dizer, necessariamente, que a filosofia esteja certa e que a liberdade do indivíduo seja importante. Por isso eu fiz questão de enfatizar o “quase” na primeira frase do parágrafo. Afinal, toda a filosofia pode estar enganada, mas o poder e a presença da noção de liberdade entre os principais pensadores são inquestionáveis. Isso pode ser ilustrado pelo exemplo do físico Stephen Hawking, que, acometido por uma esclerose que tirou virtualmente todos

os seus movimentos, afirmou: “apesar de eu não poder me movimentar e ter que falar através de aparelhos, em minha mente, eu sou livre” (Into the universe, 2010). A liberdade mental é um alento extremamente poderoso nas mais duras situações.

Saindo do homem e, para não perder o costume, olhando para os bichos, podemos reparar alguns efeitos do desejo pela liberdade com extrema facilidade. Confine um cachorro em um canil e veja o resultado depois de um tempo. Olhe bem para o jeito de cachorros quando são levados para um passeio ou veja um cavalo que, após um tempo no estábulo, é solto em um campo. Pense sobre a sensação que uma paisagem aberta com campos verdes, um horizonte distante e um bom vento no rosto pode ter em sua vida. Se você mora em apartamento, imagine isso na janela de sua sala! Uma grande janela para o mar ou para uma planície. Feche os olhos e imagine.

Passamos a vida lutando por liberdade. Liberdade para nos movimentar, liberdade para agirmos, liberdade para namorarmos, liberdade para pensarmos, liberdade financeira e, por fim, liberdade para sermos nós mesmos. O confinamento de criminosos em presídios está longe de ser somente uma maneira de privar a sociedade deles. É também um método inconsciente de punição pela privação da liberdade. Você já ouviu alguém falar, sobre um frio assassino, algo como: “morrer é pouco para ele! Ele precisa é passar a vida inteira preso”? Independentemente da

carga sentimental por trás dessas palavras, isso é um belo exemplo do valor que damos à liberdade.

Para algumas linhas filosóficas, como o epicurismo, o estoicismo e, mais recentemente, o existencialismo, a liberdade acaba tendo um significado ainda superior. A liberdade seria a única maneira de sermos o que desejamos. Claro, podemos ter limitações impostas pela vida. Não podemos voar! Podemos estar presos a limitações físicas, empregos, casamentos, regimes políticos não democráticos, leis, dívidas e todo o tipo de confinamento “natural” de uma sociedade como a nossa. Mas segundo essas linhas de pensamento, a preservação da nossa liberdade intelectual e a tranquilidade da mente poderiam garantir uma vida plena e feliz, em qualquer situação, mesmo, como diria o imperador Marco Aurélio (romano e filósofo estoico): “podemos ser felizes mesmo dentro de um palácio” (Aurelius, 2015, p. 49), ou seja, mesmo diante de todas as ilusões provocadas pela riqueza e pelo poder.

Nesse sentido, a primeira batalha pela liberdade da mente travada por epicuristas era a libertação do medo da morte. Como visto na carta anterior, segundo eles, o medo da morte teria um poder escravizante superior à maioria dos demais fatores do mundo. Ele seria um imenso obstáculo à liberdade e, portanto, à vida feliz. Seu método para superar esse medo? O método epicurista era fortemente focado na visão socrática da morte. Como toda felicidade ou todo sofrimento residiria nas sensações, a morte, como

um estado em que simplesmente não haveria sensações, não poderia carregar sofrimento algum. Da mesma forma, se para os epicuristas a felicidade seria a falta total de sofrimento, então a morte pareceria até bastante razoável.

Para atingir esse ponto, ou seja, o não sofrimento diante da eterna possibilidade da morte, os estoicos e os epicuristas experimentavam todo o tipo de estratagema e condicionamento mental. Por sinal, pensando na morte que alguns deles tiveram, como é o caso do próprio Epicuro e dos estoicos Sêneca e Boécio, espero sinceramente que tenham conseguido sucesso. Naquela época a vida era bem mais perigosa, mesmo que você fosse um senador ou imperador. Mas já conversamos sobre isso, não é?

Essas rotinas de abandono do medo escravizante, inclusive o da morte, foram praticadas exaustivamente por diversos filósofos. Isso é particularmente interessante se nos colocarmos no tempo deles, quando tudo era muito difícil independentemente da classe social a que se pertencia. Um bom exemplo era o imperador Marco Aurélio, que depois de se tornar o possível sucessor de Adriano no cargo máximo do império romano, passou a sofrer com as conspirações contra a sua vida, que perduraram até a sua morte. Isso significa dizer que, além de liderar suas tropas em conquistas por todos os limites do império, enfrentando as piores situações possíveis, Marco Aurélio ainda convivia com conluíus contra a sua vida, um deles liderado por sua própria esposa Faustina, com quem tinha

um casamento pouco compreendido pela literatura, se é que algum casamento é bem compreendido! No filme *Gladiator* (você viu?), que conta com um elenco composto por figuras do naipe de Russell Crowe, Joaquin Phoenix, Richard Harris (para os mais novos, que fez o primeiro Dumbledore do *Harry Potter*!) e Oliver Reed, o autor dá a entender que Cômodo, seu filho, foi seu real assassino.

Essa era uma época em que dificilmente podemos sequer imaginar o que significava uma simples dor de dente, ou as febres que dizimavam parcelas significativas da população de tempos em tempos. Estava lá você, feliz com sua família, e vinha uma dessas febres e matava a metade. Ou quando sua cidade entrava em guerra com a cidade vizinha (no caso da Grécia, por exemplo) e seus filhos eram vendidos como mercadoria enquanto você se tornava servo na casa de algum político ou soldado de destaque do exército vencedor. Como vê, se esses métodos de manter a mente livre de medos eram eficientes naquela época, podemos imaginar o que eles não poderiam fazer por nós hoje em dia, quando nossos problemas são a conta do gás que atrasou ou aquele emprego que você queria e não sabe quando vai conseguir. Lembre-se: além de tudo aquilo, eles ainda passavam por tudo o que passamos, talvez com exceção da propaganda idiotizante que, por todas as mídias, nos bombardeia diariamente e nos faz crer nas coisas mais estapafúrdias, o que não deixa de ser um tipo de escravidão.

Devo fazer uma ressalva aqui. Há parcelas da população brasileira e mundial ainda expostas a horrores semelhantes àqueles vividos nos tempos de Império Romano. Pragas assolam países e populações pobres como nos tempos de Idade Média. Conforme o local, precários sistemas de saúde ainda fazem com que o cidadão nada tenha e que passe por sofrimentos indizíveis. A periferia de algumas grandes cidades brasileiras apresenta cenários tristes como esses. Dito isso, continuamos.

Boécio, que viveu aproximadamente no ano 400 depois de Cristo, tem, sem dúvida, uma das histórias mais comoventes e surpreendentes de toda a filosofia. Depois de uma vida como filósofo, erudito tradutor do grego e político influente, foi acusado de conspiração e condenado à tortura seguida de morte (imagine como trabalhariam os políticos de Brasília se corressem esse risco!). Ele passou por diversas sessões de tortura, uma das mais comuns, feita com pressão craniana até o ponto de os olhos quase esbugalharem. Surpreendentemente, nos intervalos entre uma sessão de tortura e outra, Boécio escreveu um dos maiores clássicos da filosofia medieval, *A consolação da filosofia*, uma leitura obrigatória para quem gosta de maiêutica e estoicismo. Nesse livro, o filósofo relata as conversas que se passavam durante as visitas que uma velha senhora, uma espécie de personificação humana da filosofia, fazia a ele nas masmorras onde se encontrava.

Boécio, um legítimo estoico, não se perdoava por estar em desespero, uma vez que tinha treinado toda a vida, de certa forma, para sobreviver bem a esse momento, ou ao menos enfrentar seu fim com tranquilidade. Com ela, a senhora imaginária que chamava de Filosofia, Boécio passou a compreender melhor todo o sofrimento pelo qual passava em um extraordinário exercício de introspecção e acabou encontrando certo alívio antes de ser finalmente executado. Ele enxergou que, além da dor física sofrida, ele acrescentava a todo aquele contexto de sofrimento o medo da morte e certa saudade da vida luxuosa e das expectativas que tivera enquanto cidadão influente. Eliminando esses sentimentos, Boécio enfrentou seu destino fazendo deles o que realmente eram, e não o que representavam quando acrescidos de todas as ilusões de que nós, humanos, somos acometidos a todo o tempo.

Mesmo uma simples dor de dente ou um tratamento de saúde qualquer pode melhorar, se o medo e os demais sentimentos tolos forem suprimidos. Medos e dores são sensações animais cuja única utilidade é apontar um problema específico. O medo, entretanto, e a própria dor frequentemente fogem ao nosso controle e passam a desempenhar um papel inapropriado. A filosofia oriental e as técnicas de meditação, por outros caminhos, atacam os mesmos problemas eliminando medos tolos ou inúteis de nossos processos de escolha de caminhos.

Caso queira saber mais, sugiro que investigue melhor a vida e a morte de Sêneca, preceptor de Nero; e Epicteto, estoico grego que viveu como escravizado no Império Romano e acabou influenciando Marco Aurélio. Pense: um escravizado influenciando um imperador!

Todos esses autores estabeleceram métodos de ajuda para nos livrarmos do pior dos medos, o da morte, e de outros medos infames de nosso dia a dia, como, por exemplo, a preocupação com a imagem que as pessoas fazem de nós. Por que nos preocuparmos com a opinião de nossos amigos sobre nós? Eles são nossos amigos! E por que nos preocuparmos com a opinião de nossos inimigos? Eles nos detestarão mais a cada virtude que observarem em nós! Levando uma vida virtuosa nada teríamos a temer ou a nos envergonhar. Mas lembre-se! Naquela época, a opinião dos outros poderia resultar na condenação à morte ou algo similar. Hoje continuamos com as mesmas preocupações, mas elas fazem muito menos sentido.

É preciso dizer, entretanto, que a preocupação dos estoicos não era focada no medo, exatamente, mas no que esses medos acabavam impedindo, que era justamente o afloramento do seu verdadeiro eu, seu eu filosófico, sua liberdade intelectual.

Imagine-se dando uma palestra em um momento que você está tomada de medos sobre o que vão pensar todos ali sentados: e se descobrirem que você não sabe tão bem aquele assunto; e se você esquecer algo? Conheço colegas

que paralisam nessa situação. Um determinado colega teve uma síncope tão intensa que emudeceu e teve de ser levado para casa e tratado por médicos. Pense em quantas vidas não são transformadas em pó pelos medos ligados à opinião alheia sobre nós! Pelos pânicos inúteis e sem cabimento. O que você não deixou de falar, de viver, de sentir? Quantos sorrisos não deixou de dar de tão nervosa e tensa com o turbilhão de medos, emoções e tensões que se acumulavam em sua cabeça?

Por sinal, uma coisa que os estoicos não se preocupavam era de onde viria todo esse medo. Hoje sabemos isso melhor. O medo foi importantíssimo ao longo de nossa evolução. Passamos nossa infância evolutiva fugindo de predadores muito superiores a nós, como leopardos, leões, tigres. Nosso pânico e estresse diários tinham muita razão de existir. Nossos medos e estresses viabilizavam nossa vida por nos deixar em um estado constante de vigília, algo totalmente necessário quando fugíamos nus dessas feras. Mas a manutenção desse grau de estresse hoje em dia parece exagero e prejudica bem mais do que ajuda na nossa vida cotidiana.

O que estou querendo dizer aqui? Quero dizer que, sim, provavelmente a liberdade é algo a ser alcançado ou perseguido no caminho para a felicidade, ou simplesmente como princípio ético pelo qual vale dedicar batalhas. Mas essa liberdade tem um sentido amplo! Nossa mente e nossos medos talvez sejam os maiores obstáculos no

caminho dessa liberdade e dessa felicidade. Isso é quase consensual entre os filósofos. Mais que isso, na verdade. Alguns filósofos associaram muito fortemente a virtude à felicidade. Segundo alguns estoicos, por exemplo, ser virtuoso era quase sinônimo de ser feliz. Considerando que somente dá para ser virtuoso sendo livre para tal, podemos fechar a equação toda facilmente, mesmo que não seja fácil colocá-la em prática.

Além dos medos que tolgem nossa liberdade, segundo eles, mulheres e homens perderiam muito tempo de suas vidas tentando ter ascendência ou controle sobre aquilo que não lhes diz respeito. Ao contrário disso, nosso tempo e nossas preocupações deveriam se concentrar somente no que nós somos capazes de controlar, ou seja, nós mesmos. Nossa cabeça, nosso estado de espírito e a formação de uma psique livre, sem medos, deveriam ser nossa prioridade, apesar de a psicanálise nos contar hoje que há, sim, parte de nossa mente que não seria controlada por nós. Ok. Pode ser que mesmo parte de nossas mentes não esteja sob nosso controle. Concentremo-nos, então, naquela que está e em expandir seus limites.

Resumidamente, se quiséssemos ser tranquilos e felizes, não deveríamos nos deixar envolver pela sensação de controle sobre aquilo que não está em nossas mãos. A opinião alheia é um exemplo disso. Tolo é aquele que vive em função da opinião dos outros, que coloca a sua felicidade nas mãos de terceiros e que terá, portanto, de

viver conforme os referenciais dos outros e as flutuações da moda. Nada poderia ser mais aprisionador e miserável do que isso. Nossa imagem diante dos outros passa a ser mais importante do que nós mesmos. O resultado disso, como diria o famoso compositor e músico Bob Dylan (1963), “is blowing in the wind”.

Mas as formas de aprisionamento mental não param por aí. Há outras mais simples, como os paradigmas filosóficos e a própria sociedade na qual crescemos, que têm o poder de fazer com que acreditemos em coisas com as quais jamais concordaríamos em outros contextos. As contradições da ética e da moral entre religiões podem ser exemplos didáticos nesse sentido. Quando crescemos como seguidores de determinada religião, frequentemente estranhamos os hábitos de seguidores de outras crenças. Nossos pais também nos doutrinam, como já vimos, mas todo o nosso aprendizado, que durante um tempo pode garantir a nossa aceitação e uma boa vida na sociedade onde crescemos, pode, em algum momento, não condizer mais com nossas convicções e merece ser questionado e reorganizado conforme nós mudamos. A filosofia é tida como grande aliada a esse respeito. Como diria Sócrates, talvez com certo exagero, “uma vida irrefletida não merece ser vivida” (Platão, 2022, p. 50).

Espero então que entenda que defendo, sim, que a liberdade seja um desses princípios ou condições pelos quais vale a pena lutar. Talvez ela seja mesmo o maior

dos princípios, o mais difícil de questionar. Afinal, ela é justificada filosoficamente pela maioria dos pensadores e está presente em nosso lado mais irracional, mais animal. Ela também norteia as sociedades mais avançadas (como a francesa, que lançou o lema “Liberté, égalité, fraternité”) e sua privação em todo o planeta é considerada a maior das punições, servindo como pena para diversos tipos de crime.

Há, porém, um tipo de privação da liberdade a que você estará submetida, como mulher, e que temos aqui de mencionar também. Um tipo que, de forma similar, atinge negros, povos indígenas e pessoas de toda origem, gênero, orientação sexual ou cor, que não façam parte do paradigma do homem branco de ancestralidade europeia.

Você encontrará pelo seu caminho uma série de tentativas, dissimuladas por trás de piadinhas e de argumentos torpes, de lhe enquadrar e excluir de assuntos e espaços que são tradicionalmente ocupados por homens. Nossa sociedade ainda tem um machismo estrutural que priva as mulheres de seus direitos, os quais, embora já garantidos por lei, ainda não foram tirados das mãos dos homens. Igualdade salarial é um desses direitos que, na prática, ainda não foram conquistados, mas isso é muito óbvio, não é? Isso está nas estatísticas o tempo todo. Mais importante que isso são aqueles direitos que, tradicionalmente, pela estupidez cultural e política, de modo sub-reptício, ainda não foram totalmente conquistados pelas mulhe-

res. Direitos que se relacionam mais profundamente com a liberdade feminina em uma sociedade estruturalmente machista onde religiões e tradições fomentadas por homens impedem o afloramento pleno das mulheres em toda a sua expressão.

Falo agora de direitos sutis, como o direito da plena expressão de desejos e de sua potência feminina, entendendo-a como tudo que venha da mulher na área sexual; direito ao governo do próprio corpo; direito a falar o que sente ou a ter vários namorados sem ser julgada promíscua; direito a experimentar várias sensações a que os garotos sempre tiveram acesso; direito a abortar frutos indesejados de seu corpo; direito a não ter filhos sem ser estigmatizada; direito a ser feliz no casamento sem ser aprisionada por tradições que atiram às mulheres todos os afazeres domésticos; direito de jamais ser considerada posse de seu marido; direito a que suas opiniões profissionais não sejam rebaixadas a flutuações hormonais; e até direito de ser ouvida nas rodas sobre futebol ;).

Sobre isso tudo poderemos nos aprofundar mais na carta que pretendo lhe escrever sobre a igualdade. Por ora, desejo primeiramente que não seja acometida por qualquer uma das privações aos direitos listados acima e que seja astuta o suficiente para perceber cada uma delas, assim que se apresentem a você; forte o suficiente para reagir, ainda que sua reação seja o choro, um dos poucos direitos que conseguem ser mais reprimidos ao homem

do que à mulher. Por sinal, chorar é proibido ao homem por ser “coisa de mulherzinha”...

Começamos esse texto falando que somos responsáveis, como diriam os existencialistas, pela construção de nós mesmos e pela escolha de nossos próprios referenciais. Embora difícil, essa é uma etapa essencial no caminho do pleno exercício de nossa liberdade, o primeiro desses referenciais e, ainda assim, algo sobre o qual sempre devemos refletir. Sem falsas ilusões. Não somos totalmente livres. Respeitamos as leis da natureza, como a da gravidade, e temos nossas limitações animais e sociais. Mas as limitações param por aí. O resto é conosco.

CARTA 6

Astrologia, homeopatia e outras pseudociências

Vamos agora fazer um intervalo na conversa sobre os princípios a seguir. O papo fica pesado demais para ser extenso e, cá entre nós, pensar a liberdade como o maior ou um dos maiores princípios já ocupará parte do tempo que temos a dedicar a coisas sérias. Vamos falar agora de um assunto mais leve e pertinente nos dias de hoje, ou seja, como um filósofo/cientista vê a distinção entre uma ciência e uma pseudociência.

Recentemente presenciei uma conversa sobre signos e astrologia e percebi que nunca conversamos sobre o assunto. Essa é uma das situações mais chatas pelas quais um cético pode passar, quando muitas pessoas cultas reunidas começam a falar sobre signos. A conversa dá uma liga a todos, cria vínculos de empatia, todos falando sobre as características de seu signo e, portanto, de si mesmas; o que há de melhor? Poucos papos são tão gostosos.

Aí, você, cientista, fica naquela situação. Geralmente eu tento ficar calado e fazer aquela famosa cara de paisagem para pelo menos não ser o chato da parada. Às vezes eu desligo e fico com cara de riso, balançando a cabeça como uma lagartixa sobre um muro. Mas sempre tem algum inconformado que vai falar: e aí Marcos, qual é o seu signo? É o ponto em que o papo desanda, e digo isso porque jamais em uma conversa você vai ter o tempo e a paciência para articular palavras como em um texto destes aqui. Aí você acaba soltando alguma coisa tipo “ponto final”. End of conversation. Da última vez eu soltei um “pensei que estivessem brincando! Desculpem! Não sei como quatro professores universitários podem acreditar minimamente que seja em astrologia, quanto mais pagar por um mapa astral”. Todos se calaram, olharam para mim, me ignoraram, e depois de quinze segundos de suspiros, voltaram a conversar normalmente sobre o assunto.

Mas aqui nós temos mais tempo, não é? Temos tempo para falar de maneira mais refletida do que na conversa descrita acima. Afinal, todos sabem a que signo pertencem, mesmo o maior cético dos céticos. Eu, por exemplo, sou de Áries. Cabeçudo, persistente e dificilmente mudo de ideia. Mas tenho coisas boas. Sou honesto e cuidadoso com os queridos, como todo bom ariano. Sim, tenho características que nem sempre se encaixam perfeitamente em um ariano. Meu ascendente é Touro, o que garante muito chifre em minha vida, muita cabeçada na parede e

um vigor fora do comum. No mais, sou ariano mesmo em quase tudo que afirmam pertencer aos nativos do signo.

Você é capricorniana, extrovertida, mas racionalmente contida nos momentos certos, sagaz, ansiosa e agitada. Quando quer algo muito intensamente, é capaz de fazer qualquer coisa para conseguir e, geralmente, sabe fazer um bom plano. Trabalhar estratégias é um forte. Não... Brincadeira! Não faço a menor ideia do que seja ser capricorniana. Desculpe! Eu inventei tudo isso agora. Na verdade, eu nem lembrava bem se você era capricorniana ou sagitariana e, para lembrar, precisei dar uma olhada no calendário dos signos. Se você por acaso se identificou com a descrição que dei é possível que, lá no fundo, já esteja começando a entender onde chegarei ao final do meu texto.

Eu nasci dia 25 de março de 1969, pela manhã, acho que às 8h20, mas passei metade de minha vida pensando que fora às 6h, porque na minha cabeça sempre ficava a narrativa de minha mãe dizendo que eu tinha inaugurado, bem de madrugada, o Túnel Rebouças, construído aquele ano para ligar a Zona Sul à Zona Norte do Rio de Janeiro. Morávamos na Rua Mariz e Barros, na Tijuca, mas a maternidade onde nasci ficava na Zona Sul, a famosa Casa de Saúde São José, que teve a sorte de te ver nascer também.

Na cabeça de astrólogos, isso teria uma importância brutal na formação de meu “eu”, e até posso concordar com

isso. O local e a época em que nascemos seguramente exercem influência em nossa vida. Sim, pode ser que mesmo a configuração dos planetas tenha alguma influência em nossa vida. Às vezes isso me parece razoável. Além disso, muitos astrólogos afirmam que o fato de o mapa astral bater com a vida das pessoas poderia ser considerado uma evidência da eficiência da sua “ciência”. Eu posso concordar com parte disso, ou seja, de que existem evidências dessa eficiência. Se essas evidências são fortes, é outra questão.

Mas pensando em evidências sobre fatores que influenciam em nossa vida, falemos rapidamente da genética. A genética de meus pais teria influência sobre o meu caráter? Sim. Sem dúvida que sim. Isso já está superdiscutido, demonstrado e ratificado. Não necessariamente seremos iguais a nossos pais, afinal, misturamos as cargas genéticas de representantes de linhagens diferentes. Nossa mãe e nosso pai vieram, quase sempre, de famílias distantes. Suas características se misturam em nós. Nossa inteligência, gosto para as coisas, aparência, voz, doenças, constituição física, paladar e tantas outras características podem ser mapeadas como constituindo componentes genéticos.

Sim, mas há o aprendizado no meio. Nossa inteligência e nossos gostos podem ser treinados, desenvolvidos. Nossos amigos nos influenciam. Os brinquedos que manuseamos na infância. Nossos primeiros namorados ou namoradas. Aquele tio maluco que nos leva para uma viagem e que conta histórias legais. Uma casa de campo. A caminhada

na floresta. Um mergulho em um mar cristalino. Isso! Muita coisa nos influencia além da genética. Tem toda essa parte da vivência na infância que nos influencia. Isso sem falar na cultura. Cada um segue mais ou menos as tradições culturais de seu país e de seu povo. Mesmo quando somos rebeldes, nos conformamos às roupas, penteados e trejeitos tradicionalmente associadas à rebeldia.

O que comemos é fortemente cultural e social. Nossa diversidade alimentar mostra isso. Até muito pouco tempo, para ocidentais era super estranho ver alguém comer peixe cru ou gafanhoto, assim como para um oriental, frequentemente, esse consumo excessivo de carne parecia uma loucura. Hoje, com o desenvolvimento dos meios de comunicação, há uma diluição desse microssaber, e todo mundo passou a ter a possibilidade da escolha sobre os referidos gostos. Mas aquela comidinha da infância... Aquela comidinha da sua avó... Sim, a representação simbólica ligada a nossas percepções também influencia nossos saberes e quereres.

Da mesma forma, as músicas, os jogos, os relacionamentos sociais, familiares e afetivos, embora, como talvez já tenhamos visto, tenham uma origem biológica comum, variam bastante de sociedade para sociedade. As religiões, a maneira como se vê a morte, as leis, o código de ética de qualquer sociedade, tudo isso participa, sabidamente, da nossa formação, de quem somos. Não somente participa como deixa claro como essa participação funciona. Não há

muitos mistérios nessa área, embora se discuta bastante a participação específica de cada um desses fatores sobre os nossos costumes.

Mas e os astros? Nós sabemos como a cultura e a genética nos moldam, mas sabemos mesmo como os astros fazem isso? Como eles atuam, ou como se comporta a nossa relação com o posicionamento em que eles se encontram no exato momento em que nascemos? Sabemos que os planetas, luas e estrelas estavam em uma posição muito específica quando nascemos e isso é parte de uma ciência, a Astronomia, mas não temos a menor noção de como isso interfere em nós. Desconhecemos as engrenagens que sustentam esse suposto saber astrológico (não astronômico).

Sim, a lua e os demais corpos celestes exercem alguma força sobre nós. O sol nos bombardeia com seus raios, nos faz produzir vitaminas, esquentar e bronzeia nossa pele. Na verdade, ele possibilita a vida na Terra, nos dá energia e promove os ciclos da vida. A lua, em suas diferentes fases, move as marés e a cabeça de pessoas mais sensíveis. Tudo bem, posso conceber isso. Mas Júpiter, Marte, Vênus, isso é meio demais, não?

Os astrólogos mais interessantes que já conheci defendem uma abordagem mais holística, em que tudo aconteceria junto. Não se trataria de uma força de um corpo sobre o outro, mas sim de uma espécie de coincidência celestial. Uma coisa não move a outra, mas toda essa convergência de fatores, entre eles os seus traços de personalidade,

aconteceriam juntos em uma espécie de harmonia e lógicas transcendentais, como uma espécie de jogo celestial inexorável de relações em que todos participariam simultaneamente, como um organismo.

Tudo bem, pode ser, mas eu, pessoalmente, não enxergo qualquer motivo para acreditar nessa coalisão de forças no nível pretendido pelos astrólogos. Se você achar que ela existe, tudo bem. Mas nem eu nem você devemos comparar essas forças ocultas e misteriosas com a genética, a cultura e o aprendizado que se mostram como uma montanha imensa diante de nossos olhos, ou devemos? Seria como ignorar um caminhão daqueles que vêm a 200 km/h em uma estrada que pretendemos atravessar e, ao mesmo tempo, nos preocuparmos em desviar de uma carruagem invisível que é puxada por unicórnios, que também não conseguimos ver.

Há evidências da existência de unicórnios passando em rodovias? O conceito de evidência é meio livre, então pequenos distúrbios no vento, movimentos não previstos de carros ou ruídos não identificados poderiam ser considerados pelos mais crentes como evidências. Mas vale a pena usar esse tipo de evidência tão pouco razoável na hora de atravessar a rua?

Aí paramos para pensar em meu vizinho de quarto. O bebê que nasceu no quarto ou na sala ao lado, na mesma hora que eu. Ou aquele que nasceu no hospital público do outro lado da cidade, igualmente na mesma hora. Mas

no seu caso, era o filho de uma família que não conseguia pagar uma boa escola ou um bom médico. Ou não tinha como alimentar apropriadamente a criança, ou vivia em uma zona de risco da cidade, sem infraestrutura ou saneamento básico. Poderia viver sobre as palafitas de um canal em um daqueles manguezais poluídos do interior da Baía da Guanabara. Teria aquela criança, de uma história genética, cultural e social totalmente diferente, de alguma forma, as mesmas propensões e chances que eu?

Claro, a melhor pessoa para responder a essas perguntas seria um astrólogo e não eu. Mas, de certa forma, acho que a maioria dos versados em astrologia vai trilhar o caminho mais óbvio. Talvez mesmo pobre, sem plano de saúde, sem escola e sem nutrição, uma criança que nasceu no mesmo momento que eu tivesse as mesmas percepções do mundo, se sentisse da mesma forma, fosse tão feliz quanto, tivesse um sucesso mais modesto, mas que gerasse uma satisfação similar à minha quando comparadas as expectativas ou qualquer outro referencial louco. Afinal, vivemos em um mundo de ilusões. De que serve o dinheiro? Todos morremos no final. O importante é valorizar o que se tem, no tempo em que se vive.

Nesse ponto eu sou obrigado a dizer que, embora os argumentos não sejam tolos, assim utilizados, eles se transformam em um tipo de retórica vã e perversa que se distancia em muito de uma filosofia razoável. De um lado, ela é utilizada levianamente para tapar o sol com a

peneira em relação às deficiências das premissas por trás da astrologia. Ou seja, de que servem esses referenciais e essas diagnoses astrológicas se elas são totalmente relativas? Então um pobre coitado que leva uma vida de escravidão em um canavial pernambucano vai ouvir de um astrólogo que terá uma vida de sucesso da mesma forma que um príncipe inglês, cujo trabalho vai ser acenar para fotógrafos. Voltaremos a esse ponto quando falarmos em relativismo, mas por ora você pode parar e refletir sobre o assunto. Por outro lado, esse tipo de retórica vã obscurece as diferentes expectativas de vida que acometem diferentes classes sociais e pode acabar servindo como instrumento de manutenção das desigualdades e estruturas de poder sociais.

Toda essa coisa de encarar o mundo de forma holística suscita muitas possibilidades de respostas. Mas vale à pena acreditar nisso? Em realidades tão sem sentido ou tão vagas? Todo mundo que nasceu no mesmo momento vai ser igual? Igual em que sentido? Onde fica a nossa individualidade, nossa genética, nossas influências paternas e maternas, nosso aprendizado e, mais que tudo, nosso direito de escolha?

Geralmente as pseudociências são assim; elas têm uma matemática e uma lógica estritas. No caso da astrologia, seu conhecimento científico é “roubado” da astronomia, essa, sim, uma ciência em seu sentido mais estrito. Ou seja, frequentemente, as pseudociências apresentam uma rou-

pagem científica, mas não um conteúdo claro e palpável. Seus princípios são deficientes e não verificáveis minimamente. A matemática às vezes apresenta uma relação com o real, podendo-se calcular cientificamente o movimento dos planetas e seu posicionamento, prever onde estarão no futuro e onde estiveram no passado. Isso é ciência e, nesse sentido, a astrologia até tem progredido, por apresentar facetas de atualização astronômica. Mas cálculos astronômicos à parte, as correlações da posição de planetas com os fatos terrenos, os humores ou a personalidade das pessoas são quase indefensáveis sem se apelar para argumentos genéricos e sem qualquer amarração mais precisa.

Algo similar pode ser aplicado à homeopatia, a qual, essencialmente, se baseia em três (às vezes, quatro) princípios até razoáveis. Um deles é que substâncias da natureza que provocam os mesmos sintomas dos problemas ou doenças que nos acometem podem ser utilizadas em minúsculas doses diluídas para curar tais problemas. Outro é que essas substâncias devam ser testadas em homens saudáveis. E o último é que deve ser utilizada uma metodologia de medicamento única por vez (pelo menos essa é uma das linhas), procurando-se ministrar primeiro aquele que atacará o maior número de problemas. Há outros preceitos menos palpáveis por trás da homeopatia, mas vou evitar falar aqui por causa de minha ignorância no assunto.

O fato é que muitos trabalhos acadêmicos apontam que não somente esses princípios fazem pouco sentido

como conjunto de saberes, mas também que a sua prática está longe de funcionar. Se alguém for envenenado por cianureto ou arsênico, daríamos mais veneno para que ele se curasse? Ao menos nesse caso parece improvável o sucesso da aplicação do método.

É importante, entretanto, tomar certos cuidados com os julgamentos quando o assunto é pseudociência, cuidados esses que muitos pseudocéticos vivem a esquecer. Eles podem ser divididos em três linhas de pensamento que merecem reflexão e que abordaremos ao menos superficialmente aqui. A primeira é que jamais se deve confundir o praticante de uma pseudociência com um charlatão; a segunda é que deve ser evitada a colocação de todas as pseudociências, ou mesmo todas as práticas de determinadas pseudociências, no mesmo saco de descrença; e a terceira é lembrar que uma coisa é dizer que não se trata de conhecimento científico, e outra coisa é dizer que não funciona ou que não há conhecimento envolvido.

Em relação ao primeiro ponto, é realmente importante não partir do pressuposto, como às vezes acontece, de que o usuário ou praticante de uma pseudociência seja um charlatão. A Wikipédia diz explicitamente, em determinado ponto, que a homeopatia é um charlatanismo. Pior, diz que isso é a opinião de artigos científicos, o que implicaria chamar praticantes de charlatões, desconsiderando anos de estudo que muitos dedicam à sua causa. Artigos podem refutar as práticas de algumas pseudociências, mas não

podem demonstrar má-fé de seus praticantes. Existem vigaristas na área, como existem muitos charlatães em laboratórios científicos (eu conheço vários!). Mas há muitos adeptos de pseudociências que acreditam no que fazem. E muitas vezes, por motivos outros que não o método em si, eles são capazes de entrar em tal sintonia com seus clientes que acabam usando essas pseudociências como uma ferramenta interessante de análise.

Eu mesmo, em minha infância como cientista (de meus 18 aos 21 anos), lia cartas de tarô. O tarô não chega nem a ser uma pseudociência, estando mais para uma prática mística, mas eu acreditava no que fazia. Como as cartas são extremamente polivalentes, com múltiplos significados, elas acabavam servindo como um tipo de análise maluca, na qual quem é lido encontra os caminhos para explicar a posição e o significado que cada carta revela sobre a sua própria vida. A carta da morte, por exemplo, quando aparece, pode representar mudança, assim como a da torre que desmorona. Todos estamos sempre diante de uma mudança, abrir uma carta dessas leva a reflexões sobre os caminhos escolhidos. A carta do enforcado, ou pendurado, mostra dúvidas e gera discussões e reflexões sobre nossas inseguranças diante do futuro imediato, assim como a do mágico nos mostra a importância de sabermos lidar com o que temos à mão. Assim se passa com a maioria das cartas do Tarô. Quando há sintonia e confiança entre o tarólogo e o cliente, frequentemente, coisas boas acontecem no nível

do autoconhecimento de quem é lido. Com a astrologia se passa o mesmo.

O segundo cuidado a se tomar é não confundir urubu com galinha preta ou focinho de porco com tomada, como dizia um bom amigo cientista. Homeopatia e astrologia são exemplos disso. Ambas são genericamente classificadas como pseudociências, embora tenham históricos particulares e se relacionem de formas distintas com a realidade, não sendo, portanto, necessariamente equiparáveis. Os graus de confiabilidade de ambas também podem ser distintos. Eu, por exemplo, acredito que, apesar de os princípios da homeopatia serem inapropriadamente usados por ela, alguns de seus tratamentos possam funcionar por usarem essências naturais eficazes. Isso é somente uma suposição minha. Por outro lado, ao passo que há uma discussão séria sobre o *status* da homeopatia como ciência, jamais haveria, nos tempos de hoje, qualquer conversa séria nesse sentido em relação à astrologia, tipicamente uma não ciência.

O terceiro ponto é sobre a distinção entre conhecimento científico e não científico. O fato de defendermos que nem astrologia nem homeopatia sejam ciências não implica que ambas reflitam, em algum nível, saberes interessantes e verdadeiros sobre o mundo. O fato de não serem científicos, entretanto, faz com que ambas devam ser vistas com mais reservas do que o saber científico, cuja estrutura merece nosso crédito, dado o seu óbvio sucesso

nos dias de hoje. Afinal, estou escrevendo esse texto em um Ipad que, em última instância, é um resultado extraordinário do desenvolvimento científico que alcançamos, e isso deve sempre ser levado em consideração.

Mas há uma coisa que se encontra obviamente subjacente a essa discussão e que não abordamos. Sabemos que o que é pseudociência o é por não ser ciência, mas ainda não conversamos sobre o que é ciência em si. Nesse ponto, a complicação começa. Mas não vou fugir dessa conversa. Mais para a frente, em outro volume de cartas, conversamos sobre isso.

CARTA 7

O amor

O amor, em sua manifestação última, é como uma música, que pode ser tocada perfeitamente por um instrumento ou cantada por uma voz. Ele, quando música, também pode vir de uma orquestra sinfônica, repleta de instrumentos complexos, cada um ocupando uma frequência específica, timbres particulares, não timbres, cordas, sopros, bumbos, todos em harmonia. A música, em sua natureza diversa, pode vir também de um pássaro, como um sabiá, ou um curió, patativa ou de um simples canário belga, em suas infinitas viradas e trinados. Há quem encontre música no som dos rios ou da chuva caindo no fim de tarde sobre a densa mata, na gritaria dos bugios, ou depois de uma chuva, na sinfonia de sapos.

Assim como a música, o amor é múltiplo, cheio de origens e estruturas. Amor de pai, como o meu; amor de filha, como o seu, que se divide ou multiplica em amor de filha por mãe e amor de filha por pai; amor de mãe,

é claro; amor de esposa, de marido; amor de irmão, de irmã, de irmã por irmão e de irmão por irmã; amor de amigo, de amiga. Cada um desses se divide em milhões de tipos e intensidades. Cada um, um amor único, como se fosse uma face, um rosto que nunca se repete mesmo entre bilhões de pessoas. Você imaginaria ver o rosto de sua mãe por aí? Pois é, cada amor me parece tão único quanto um rosto de mãe.

Sendo assim, o amor fica com essa cara individual e intransferível. De tão plural, mal conseguimos pensar nele, quanto mais fazer juízo, estabelecer fórmulas, critérios, medidas e limites. Como dar amor a um filho? Como deve ser o amor em um casal? Como se relacionar com o outro, seja lá quem ele for? E conosco mesmos, como cada um deveria amar a si próprio, sem se tornar um tolo egocêntrico? Qual conselho poderia eu te dar nessas poucas linhas diante de algo tão diverso?

Estava nessa dúvida até o momento em que assisti em Paris ao filme *Au revoir là-haut* (*Nos vemos no paraíso*). É uma história de dois soldados franceses que se salvam mutuamente na Primeira Guerra Mundial, mas um deles retorna à sua cidade com uma deformidade no rosto. Uma explosão arrancara-lhe o queixo e, conseqüentemente, a capacidade de falar. Ao abordar a amizade entre os dois e o desenrolar de suas relações afetivas na volta à sociedade de onde haviam saído, esse filme, pela primeira vez, me fez entender o amor sob uma ótica diferente daquela plural e

matemática com que eu o havia entendido até hoje, como biólogo e cientista.

Por ótica matemática eu me refiro ao entendimento da evolução do amor, de sua química, de sua neurofisiologia e mesmo da pluralidade que descrevi acima. Me refiro também ao entendimento de sua origem por seleção natural, preservação de carga genética, hormônios, esperma, óvulos, cores, formas e culturas. Entender o amor dessa forma matemático-científica é algo como julgar ou tentar compreender toda a árvore a partir das abelhas que a polinizam ou pelas asas das abelhas, ou seja, algo muito distante da sua raiz ou motivo básico. Mesmo a forma das árvores não pode ser entendida por sua carga genética simplesmente. Há que se considerar o solo, as demais árvores, a luz, a umidade do ar, o vento e muitos outros fatores.

O filme me remeteu a outra dimensão totalmente diferente do amor que, embora bem mais óbvia, escapava de meu olhar reto e obtuso de cientista. O amor como demanda poderosa e singular do Ser. O amor como princípio de tudo. Princípio maior. O amor como estrutura, cimento e tijolos de nosso espírito em um sentido espinosano. Amor como motor do mundo. Um amor que se aproxima e está por trás do desejo de potência de Nietzsche. Amor que nos impulsiona, que é indefinível por permear tudo, como poderosa força que move nosso corpo. Amor que diferencia a vida da não vida, que poderia ser usado para distinguir Ser de Não Ser.

Esse amor é único, mas indefinível. Ele se esconde por trás inclusive de nossa demanda por definições e conceitos, mas mostra como tais conceitos são inúteis em um mundo de unicidade, afinal, o uno não é divisível, não se delimita. O amor deve ser sentido, estimulado, vivido. Sua força se represa em nossos corpos, e viemos a esse mundo, de certa forma, com a missão de deixar suas águas fluírem.

Nesse sentido, queridona, meu único conselho possível para você, nessa área, que é a mais importante de nossas vidas, é que libere seu amor. Aprenda a amar nas diversas manifestações que o amor pode apresentar. Abrace e ame a vida do jeito que ela é. Só o fato de amá-la já fará com que você a mude para melhor. Ame as pessoas na medida do desejo de seu próprio amor. Despeje uma fúria apaixonada sobre os obstáculos que se coloquem entre você e suas paixões. Use a razão nessa hora, como serva mais legítima da emoção. Resolva, siga em frente. Emane todo o seu amor, expresse-o. Ame a si mesma e a todos que te sejam caros. Retribua toda a paixão que o mundo jogar sobre você. Abra seus braços, feche seus olhos e a sinta penetrando por sua pele. Não saia da cama de manhã cedo senão para amar.

Esse filme me resolveu um dilema antigo: me mostrou a importância do amor. É lógico que sempre amei. Este livro está aqui para provar isso. Amo você e as pessoas ao meu redor. Mas eu saí do cinema com a segurança do acerto sobre cada decisão de minha vida, em que meus

MARCOS A. RAPOSO

amores foram preservados, nutridos e com a certeza de que quero mais. Nós somos muito mais do que essa matéria que você vê, que eu vejo. Nós somos vulcões de energia. Deixe suas lavas explorarem e transformarem para sempre o terreno a seu redor. Ame o mundo sem medo e ele te amará de volta. Posso lhe garantir isso.

CARTA 8

Sobre a morte

Eu fui um jovem destemido e por isso fiz muitas bobagens. Me arrisquei bem mais do que deveria porque jamais temi por minha vida. Sempre acreditei tolamente em um tipo de imortalidade do físico e da alma. Uma confiança besta, adolescente. Não acreditava que isso tudo aqui pudesse acabar. Isso me fez viver bem.

Mas quando você nasceu, tudo mudou. Não quero jogar esse peso nas suas costas, mas não deixa de ser interessante ir se acostumando com o peso de algumas das poucas realidades dessa vida. E foi justamente uma dessas chocantes realidades que se chocou barulhenta como ondas em rochedos no momento em que me apaixonei por aquela criatura pequena e então dependente de mim que viera ao mundo. “Nenhum homem é uma ilha”, escreveu o poeta e filósofo inglês John Donne (1624, Meditation XVII), por motivos similares aos que aqui escrevo. Depois que o amor bate à sua porta, você deixa de estar sozinho. Donne

estava certo; você deixa de ser o centro do mundo e jamais volta a ser.

Passei então da noite para o dia a ser acometido de uma profunda covardia. Fiquei até com medo de avião. A cada decolagem e aterrissagem eu temia a morte e pensava sobre o que seria de você sem mim. Aquela ilusão de minha importância para você fez com que eu cancelasse compromissos, viagens, trabalhos, diminuísse o álcool e parasse de me relacionar por aí sem proteção. Brincadeira...

Dei um tempo nas atividades mais pesadas de campo e passei a me concentrar em coisas menos perigosas. Museus, coleções, defesas de teses, livros e computadores viraram minha nova rotina. Nunca me esqueço quando recebi um telefonema de um colega me chamando para uma consultoria na África. Você estava grudada em mim e, ao ouvir minha conversa no telefone, imediatamente exclamou: “mas na África tem leão!”. Naquela altura você conhecia minhas histórias de encontro com onças, sucuris e jacarés, mas leões eram bem mais perigosos na sua cabeça.

Mal sabia você que eles eram o menor dos perigos para onde iríamos. Lá, para você trabalhar, os soldados do exército moçambicano iam na frente examinando o solo atrás de minas terrestres remanescentes das guerras entre diferentes etnias. Aquela seria fatalmente mais uma viagem posta de lado, porque eu não poderia deixar esse mundo com você ficando para trás desprotegida.

Certo dia tudo isso começou a mudar. Percebi que aquilo havia se transformado em uma espécie de paranoia e comecei a dar uma aliviada na minha prepotência diante do mundo e de você. Decidi que a partir de seus 20 anos eu me daria alforria daquela agonia, me esforçaria sim para então viver até os 50, quando você seria já uma mulher de 20 anos, e cheguei mesmo a comunicar isso a você. Mas a partir de seus 18 eu já comecei a relaxar e me dei ao luxo de fazer meu pós-doc inteiro na França, a cerca de dez mil quilômetros de você.

Restou da minha paranoia este livro e este capítulo em especial, cuja real razão de ser eu sei que você vai deduzir ao final da leitura de sua última linha. Aqui eu ingenuamente te escrevo de modo que saiba o que um cientista agnóstico inveterado tem a dizer sobre a morte. Logo eu, o maior dos céticos. Um cético tão cético que não crê nem no ceticismo em si. Sim, quem não crê não pode se dar a esses luxos, como o de acreditar que nada merece ser crido. Palavra feia, mas se ajudar a memorizar ou entender, está bom.

Mas o que fazer sobre a morte quando não se crê em nada? O que se faz é viver bem a vida. A morte é, como dizia meu pai, algo que garantimos ao nascer. Na vida, podemos viver bem ou mal, e eu desejo viver bem, de modo que minha morte seja linda. Sobre o que é viver bem, já conversamos em outras cartas. Essencialmente, é ter uma vida justa e generosa consigo próprio e com o

mundo. Sim, é uma morte linda aquela de quem sabe que deu tudo na vida. Hoje, é assim que me sinto, não como tendo uma morte linda, afinal, não estou morrendo ainda, mas preparado e feliz por ter feito o que pude.

Quem vive a hipótese de só ter essa vida não tem outra opção racional senão viver bem. Claro, amadurecemos com o tempo. Então não adianta alguém se cobrar tanto porque não viveu tudo o que podia na adolescência ou quando era mais novo. Muita gente faz isso e pira; passa a vida toda correndo atrás do prejuízo. E, correndo atrás, não vê o que a vida traz de bom a todo o momento. Eu tentei, no meu tempo, amadurecer e dar conta da melhor maneira possível de tudo que veio a mim. Tentei não fazer mal a ninguém e ajudei tanto quanto eu pude. Respirei os melhores ares, comi das melhores comidas, vivi em família tanto tempo quanto aguentei, bebi toda a cerveja que pude e refleti bastante.

Mas é uma verdade incontestável que não podemos fazer tudo. Deixamos oportunidades e afazeres para trás. Há uma cena do filme *A lista de Schindler* em que o protagonista, após salvar centenas de pessoas, se desespera ao perceber quantas vidas inocentes deixou de salvar por não ter sido mais atento. Foi uma das cenas de cinema que mais me marcaram. Schindler, essencialmente, comprou em dinheiro vivo a vida de judeus que estavam fadados a serem mortos em campos de extermínio. Quando se deu conta, finalmente, do valor de uma vida comparado ao

de uma joia (no caso um anel) ou ao que gastava em sua rotina de futilidades, o empresário entrou em pânico, só recobrando as forças quando foi amparado por aqueles que havia salvo.

Não há muito como fugir disso, talvez não em proporções tão dramáticas, mas na hora de deixar essa vida, no caso daqueles que têm tempo para realmente refletir em seu momento, deve dar um desespero pelas coisas que não se fez, mesmo que se tenha vivido cada segundo com o maior vigor. É possível que isso aconteça comigo também, mas eu vivi como pude, e isso eu posso lhe garantir. Serei, nesse sentido, um morto feliz. Ansioso, mas feliz. Sim, vou ficar ansioso em saber se você ficará bem sem mim, mas estou escrevendo esse livro para isso. Entre outros, em vez de ficar triste com a minha perda, saberá que vivi tão bem quanto minha psique torta permitiu – uma preocupação a menos para mim. Você sofrerá só de saudades, sabendo que eu tive, dolorosamente ou calmamente, uma bela morte.

Ser cético tem suas vantagens. Fico me convencendo de que sem mim talvez você se torne alguém ainda melhor ou algo parecido. É aquela velha estratégia de acreditar pouco na ilusão de controle, a maior causa de ansiedade de todas. No caso, na ilusão de que sei sobre seu futuro e de que ele será, necessariamente, melhor na minha presença. Quem sabe a lembrança de mim não seja melhor para você do que eu em pessoa, infernizando a sua vida quando minhas

manias e chatices estiverem mais lapidadas pelo tempo? Por favor, não se culpe por concordar!

A ilusão de controle acomete a todos em diferentes graus e é substrato para muita reflexão. O ceticismo extremo levou, no meu caso, a um realismo moderado. O que significa isso? De tanto desacreditar, inclusive desacreditar na descrença, fui obrigado a acreditar em algo. Ou seja, eu sei que, se atravessar a rua sem olhar, vou acabar tendo problemas. Também sei que não passarei em uma determinada prova sem estudar, nem vale a pena pensar sobre o que desejo de minha vida. Mas acreditar que tenho o controle de meu futuro ou de qualquer outro futuro a partir dessas pequenas sensações imediatas de controle é algo a se refletir bastante.

Sim, refletir é um hábito pouco compreendido e muito discriminado. Ninguém aguenta ver uma pessoa de papo para o alto o dia todo sem reclamar, mesmo que seja no formato de uma piadinha inocente. Eu refletia tanto que comecei a achar que era vício. Durante meu doutorado, enquanto você estava na barriga de sua mãe e seu avô em uma cama de hospital, eu pegava um ônibus na rodoviária do Rio, onde morávamos, e ia para São Paulo, onde eu estudava. Eram seis horas de estrada, seis horas de reflexão. Não dormia um minuto. Quando tinha lua, eu ficava com os olhos ainda mais vidrados na noite, pensando em tudo, colocando todas as peças de minha vida, cada sentimento, cada desejo, sistematicamente, em seus respectivos lugares.

Eu amava aquelas viagens. No ônibus, não se precisa de pretexto para não fazer nada. Não precisava me explicar para refletir, não dava para ler nem trabalhar. Sim, eu podia dormir, mas isso eu podia fazer em sala de aula no dia seguinte. A reflexão na estrada, naquele janelão do ônibus, à noite, marcou minha vida. Meu doutorado pavimentou o caminho que eu escolheria seguir.

Nesse ponto, a máxima de Sócrates vem, é claro, à minha cabeça: “Uma vida irrefletida não merece ser vivida” (Platão, 2022, p. 50). Sim, a reflexão como aquela do ônibus é o primeiro passo de uma bela vida. As decisões que surgem da reflexão, quando praticadas, anistiam todas as culpas de um ex-católico como eu. Quando estiver morrendo, eu seguramente vou me lembrar que tentei vislumbrar qual seria a melhor vida possível para mim e para aqueles ao meu redor. Vou saber que eu posso ter errado, mas errei tentando acertar. Acho que, no fundo, será só isso que importará. Posso até me julgar burro por ter tomado todas as decisões erradas, mas não vou me culpar por elas, afinal, se errei, não foi por falta de reflexão.

Você é o que há de mais importante no mundo, mais do que qualquer político, artista, cientista, princesa ou rainha; mais importante do que qualquer civilização extinta ou espécie de fauna ameaçada. Você teve de mim tudo o que eu achei justo dar no tempo certo. Amor, escola, alimento, paisagens e exemplos diversos nunca lhe faltaram. Você teve a seu redor desde o maior dos tolos (eu) até o maior

dos gênios (eu mesmo), pessoas ótimas (eu também) e não tão boas (inclusive eu). Teve acesso, dentro e fora do Brasil, a todo o tipo de cultura e expressão artística. Por fim, consegui te ajudar a sobreviver à adolescência, a maior das conquistas de qualquer ser humano.

Estando essa parte tranquila, ou seja, tendo eu feito o que pude por você, vou sentir antes de partir apenas uma saudade forte de tudo e uma profunda curiosidade pelo que estará por trás das cortinas da vida. Como agnóstico eu não me dou ao luxo de crer. Mas ainda como tal, sou obrigado a admitir que essa sensação que nos persegue é fortíssima: a de que minha participação consciente no mundo não termina e que, de alguma forma, por mais assustador que seja para você, minha consciência poderá estar por aí, à noite, te olhando dormir. Talvez ela seja somente um sentimento remanescente de minha infância como católico ou um sentimento biológico, evolutivamente construído e necessário, de confiança na nossa autopreservação. Isso não importa agora. O fato é que estarei lá, mesmo que seja no formato de um livro sobre o seu criado-mudo.

REFERÊNCIAS

- AURELIUS, M. *Meditações*. Tradução de João Batista. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2015.
- DALAI LAMA. *A arte da felicidade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- DAWKINS, Richard. *The selfish gene*. Oxford: Oxford University Press, 1976.
- DONNE, J. Devotions upon emergent occasions. Londres: Thomas Jones, 1624. Disponível em: <http://triggs.djvu.org/djvu-editions.com/DONNE/DEVOTIONS/Download.pdf>. Acesso em: 3 out. 2024.
- DYLAN, Bob. Blowin' in the wind [canção]. Compositor e intérprete: Bob Dylan. In: *The Freewheelin' Bob Dylan*. Nova York: Columbia Records, 1963.
- GABRIEL, Markus. *Why the world does not exist*. Nova York: PoliPointPress, 2015.
- HAWKINGS, Stephen. *Into the Universe with Stephen Hawking*. Direção: Ian Riddick; Martin Williams; Nathan Williams. Reino Unido: Discovery Channel, 2010. Série-Documentário, Discovery Channel, 3 episódios.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Tradução: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Martin Claret, 2022.

REYDON, T. A. On the nature of the species problem and the four meanings of 'species'. *Studies in History and Philosophy of Science Part C: Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*, v. 36, n. 1, p. 135-158, mar. 2005.

SEIXAS, Raul. Paranoia. Compositor e intérprete: Raul Seixas. *In: Gita*. São Paulo: CBS, 1974.

SKANK. Sutilmente. Compositores: Jose Fernando Gomes Reis; Samuel Rosa de Alvarenga. *In: Calango*. São Paulo: Sony Music, 1994.

WALLACE, Robert. *O fator genético*. São Paulo: Ibrasa, 1987.

SOBRE O AUTOR

Marcos André Raposo Ferreira é doutor em Zoologia e especialista em Classificação Animal e Filosofia das Ciências. Dedicou-se a textos sobre filosofia do cotidiano e história natural. Como professor do Museu Nacional, já formou mais de trinta mestres e doutores.